

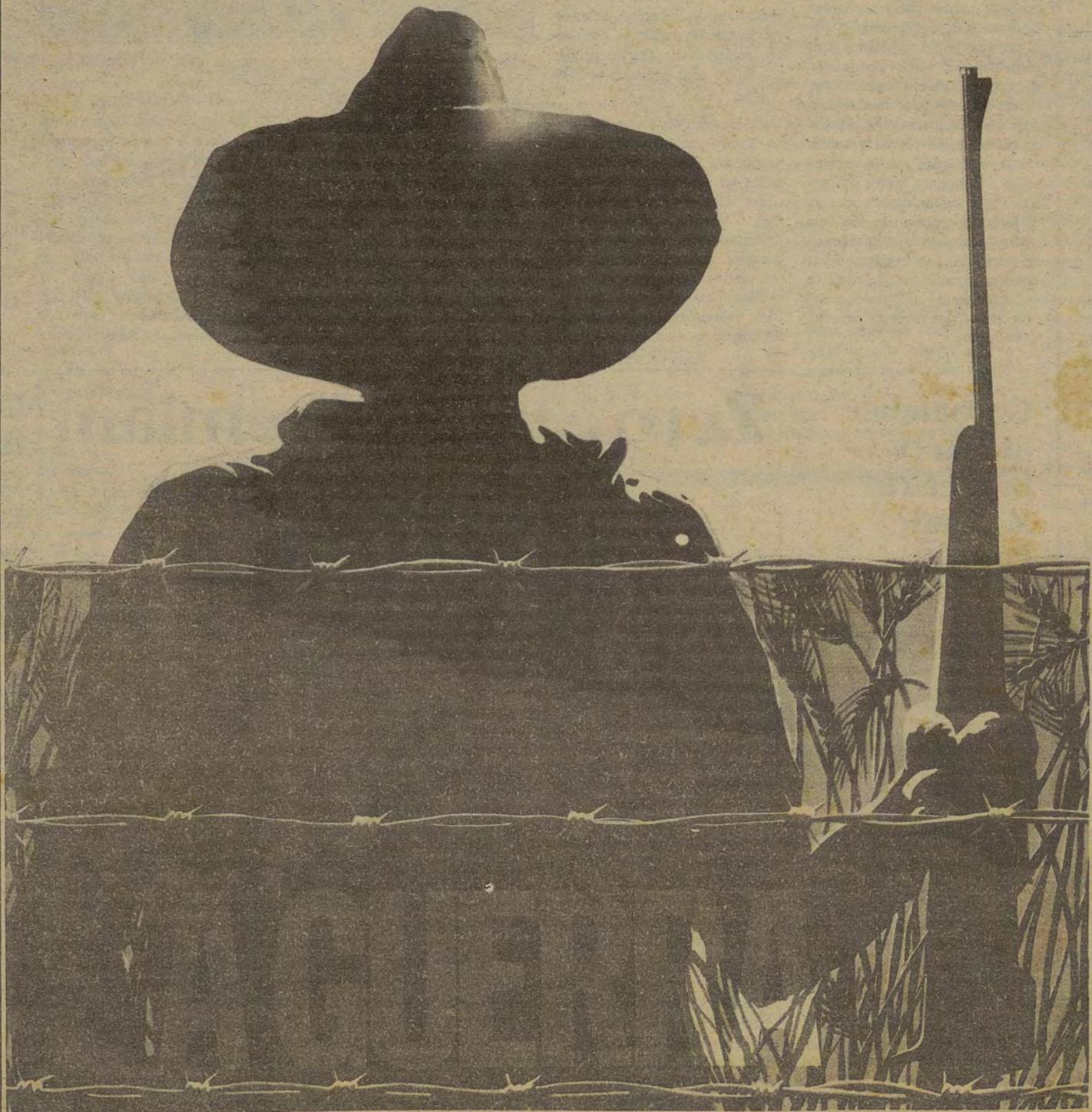
ZERRO

Florianópolis, Maio-Junho de 1988

REFORMA AGRÁRIA:

Antes sem-terra, agora sem-lei

Na Central



MILTON ALVES/VEJA

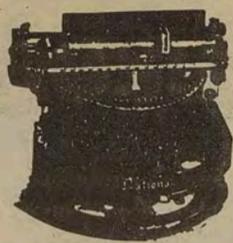
**Relatório:
Rodolfo
prometeu
na
entrada
e mentiu
na saída**

Páginas 2 e 4

**Hospital
de
Risco:
Diga 33,
sua
consulta
terminou!**

Página 3

CADERNO Z ESPECIAL: O EXPLOSIVO ANO DE 68



**Melhor
Peça Gráfica
I Set
Universitário
Maio 88**

Jornalismo exige a promessa

O ex-reitor Rodolfo Pinto da Luz despediu-se do cargo onerando os cofres da Universidade com um caro e bem impresso "Relatório de Atividades". A utilidade do citado "Relatório" para as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão que justificam o dinheiro que a sociedade investe em nossa instituição poderia ser argumentada sobre seu testemunho como registro histórico, não fosse ele um documento mentiroso. O ex-reitor "relata", por exemplo, ter expandido o espaço físico do Curso de Jornalismo, o que não fez jamais. Nosso espaço não aumentou sequer um centímetro quadrado durante a gestão de Rodolfo Pinto da Luz.

Pelo contrário, foi durante a última gestão na Reitoria que o Curso de Jornalismo da UFSC deixou de frequentar a lista dos melhores do país, onde chegou a figurar em sétimo lugar, de acordo com a Revista Playboy. Em grande parte, esta queda deveu-se à deterioração de nossos laboratórios, que nunca contaram com manutenção adequada, funcionários especializados ou possibilidades de substituição de equipamentos obsoletos. No presente momento, quando se inicia uma nova gestão na Reitoria, este jornal-laboratório recebe o prêmio de melhor peça gráfica no "I Set Universitário", promovido pela RBS e PUC do Rio Grande do Sul,

concorrendo com jornais universitários de todo o sul do país. É uma prova de que, dadas as condições, sabemos trabalhar. O dinheiro público investido aqui tem tido retorno, é um bom investimento. Não se pode dizer o mesmo de alguns folhetos de propaganda pessoal impressos a cores.

Quando as instituições nacionais entram em crise, quando a sociedade perde suas referências, quando o futuro parece nebuloso, o bom jornalismo é um produto de primeira qualidade. Não se acha um caminho sem a verdade. É nisso que jogamos o nosso trabalho.

Mercado escasso e convulsionado

Salários baixos, concorrência desleal, etc ...

Apesar de 20% das escolas de Comunicação Social do Brasil estarem na Região Sul, o mercado de trabalho é escasso, sendo ocupado muitas vezes por trabalhadores sem regulamentação para atuarem como jornalistas. Em consequência, surge um grande número de desempregados que buscam, de todas as formas, espaço para exercer a profissão. Diante da realidade, são forçados a abdicar do sonho da "grande imprensa" e a assumirem meios de "comunicação institucional" que, na maioria das vezes, não são bem vistos pelos demais companheiros de profissão. Isso frequentemente provoca rivalidades regionais, e o surgimento de preconceitos com relação às diversas facas do Jornalismo.

"Gaúcho só vem pra Santa Catarina pra chamar a Polícia Militar de Brigada, pescar tainha com anzol e xingar os catarinenses". Foi assim que reagiu um repórter quando perguntado sobre a "invasão" de jornalistas do Rio Grande do Sul no mercado de Santa Catarina. Apesar do bom humor, a resposta carrega um quê de reserva, um certo pessimismo quanto ao futuro dos profissionais de comunicação, vítimas do terrorismo do "mercado de reserva" e, em consequência, dos baixos salários, da falta de opções e, até, de seus próprios preconceitos.

Das 66 instituições de ensino que oferecem cursos de Comunicação Social no Brasil, sete estão no Rio Grande do Sul. Cinco delas (PUC, UFRGS, IC-Pel, UNISINOS e UFSM) têm habilitação em Jornalismo, o que garante, a cada final do ano, um grande contingente de novos profissionais para invadir as rádios, televisões e jornais à cata de empregos. Isso quando já não



estão trabalhando há mais tempo, irregularmente, sem o registro profissional e nem diploma.

Essa espécie de problema ocorre em todo o País. Em Santa Catarina, além das demissões que enxugam o mercado de vagas, o Sindicato dos Jornalistas luta para diminuir o número de profissionais em situação irregular e que não têm o registro mas assim mesmo exercem a função. O acordo salarial realizado em fins de maio trouxe diversas conquistas, acompanhadas de um re-

juste de 405,2% sobre o piso de maio de 87.

ALTERNATIVAS

As faculdades "preparam o aluno para a grande imprensa", no dizer de Henrique Finco, professor da UFSC, que alerta para a necessidade profissional valorizar mais os veículos alternativos, ou a "comunicação institucional". Em São Paulo, por exemplo, um diagramador ganha menos na "Folha de São Paulo", do que receberia trabalhando num dos muitos jornais de bairro da cida-

de. "Ele recebe o status", analisa Finco. Assim, trabalhar num grande jornal consiste na realização profissional de muitos estudantes.

Diante disso, as Assessorias de Imprensa de indústrias, empresas, sindicatos ou organizações políticas se constituem numa alternativa de mercado. No entanto, elas ainda são mal vistas, por causa da fama de "cabides de emprego" que adquiriram nesses muitos anos de uso indiscriminado da "comunicação institucional". Quadro que vem mudando, com a afirmação de revistas bem-elaboradas, como a "Via Cinturão", da Pirelli, a "Ícaro", da Varig ou a "Apoio Sindical", do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. De qualquer maneira, há sempre o inconveniente de ser a "voz do dono", mas essa realidade ainda está muito distante de ser modificada.

Jacques Mick

ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

Texto: Análú Zidko, Arley Machado, Cláudia Carvalho, Cláudia Finardi, Dauro Veras, Elaine, Ewald W. Neto, Fernando Crococo, Heloisa Dallanhol, Ilka Goldschmidt, Ismail Ahmad Ismail, Jacques Mick, Lígia Gastaldi, Márcia Carvalho Marcos Cardoso, Mário Otávio Vaz, Marilaine Sulzbach, Marta Moritz, Monique Vandresen, Rafael Massei, Rubens Vargas, Ruchelle Zandavalle, Sabrina Franzoni, Sílvia Zamboni, Taciana Varnning Xavier.

Diagramação: Análú Zidko, Cláudia Carvalho, Ilka Goldschmidt, Ivan Santos, Rute Enriconi, Sabrina Franzoni.

Arte: Paulo Caruso, Milton Alves.

Fotografia: Sabrina Franzoni, Philippe Arruda, Ilka Goldschmidt, Fernando Crococo.

Laboratório Fotográfico: Carlos Loczelli, Marques Índio Casara, Philippe Arruda, Pedro Mello.

Edição, coordenação e supervisão: Professores Eduardo Meditsch, Luiz Alberto Scotto, Ricardo Barreto.

Edição Gráfica: Ricardo Barreto
Telefone: (0482) 33-9215
Telex: (0482) 240 BR

Correspondência: Caixa Postal 472, Departamento de Comunicação e Expressão, Curso de Jornalismo, Florianópolis/SC

Acabamento e Impressão: Fundação da Produtividade, fones 22-7756 e 22-6312, Porto Alegre, RS. Distribuição Gratuita Circulação Dirigida

Gorbachev até na tv brasileira. Reagan? Ora ...

O jornalismo custa pra dar caras na televisão brasileira. Cobrindo a reunião de cúpula em Moscou, Luís Carlos Azenha, repórter da TV Manchete, descrevia a arquitetura da Praça Vermelha, quando viu passar o presidente Gorbachev com sua comitiva. O que podia não passar de mais uma pauta para encher lingüça nos noticiários se transformou numa entrevista inédita. Era a primeira vez que o líder soviético falava a um repórter da América Latina.

O caso gerou tanta repercussão que até a Rede Globo transmitiu a matéria. Aos gritos de "Mr. Gorbachev!", de repente, o repórter interpellava a comitiva e conseguia, sem muito esforço, falar com o presidente através de um intérprete. Gorbachev mostrou interesse em visitar a América Latina e evitou falar na questão da dívida dos países do Terceiro Mundo. Para ele, também, é um assunto muito complicado ...

Zero e vídeo premiam o Curso e sua combatividade

Os Cursos de Comunicação Social do sul do país, participaram no mês de maio do I Set Universitário, promovido pela Famacos (Faculdade dos Meios de Comunicação Social da PUC de Porto Alegre). O concurso envolveu laboratórios de áudio, cinema, fotografia, peças gráficas, redação e vídeo.

Com exceção da UFSC que ganhou o prêmio de melhor peça gráfica com o "ZERO" e de dois outros prêmios conquistados pela UFRGS, a promotora do evento foi a "estrela" do concurso. Em áudio, tanto na parte de jornalismo como publi-



A Edição premiada

cidade e categoria livre, a PUC tirou o primeiro lugar, o mesmo acontecendo em documentário cinematográfico, fotografia e redação. Em peça gráfica, a PUC ficou apenas com a parte da publicidade, deixando a de jornalismo com o Zero, da UFSC. Os melhores vídeos jornalísticos e publicitários foram da PUC, mas em categoria livre a UFRGS saiu ganhando. Os estudantes de Telejornalismo 1, da UFSC, ganharam com o vídeo "Bom dia presidente", uma menção honrosa.

Ilka Goldschmidt

Código ficou sem três artigos. Leia e pense

Por um lamentável erro de cálculo, na diagramação, o texto da edição passada, que reproduzia o Código de Ética do Jornalista, foi publicado incompleto, sem três os artigos finais do capítulo III, "da responsabilidade profissional do jornalista". Assim, publicamos agora os referidos artigos, reparando nossa falha:

Art. 15 - O jornalista deve permitir o direito de resposta às pessoas envolvidas ou mencionadas em sua matéria, quando ficar demonstrada a existência de equívocos ou incorreções.

Art. 16 - O jornalista deve pugnar pelo exercício da soberania nacional, em seus aspectos político, econômico e social, e pela prevalência da vontade da maioria da sociedade, respeitados os direitos das minorias.

Art. 17 - O jornalista deve preservar a língua e a cultura nacional.

Os fantasmas andam de branco

Os médicos do HU só são encontrados no pagamento

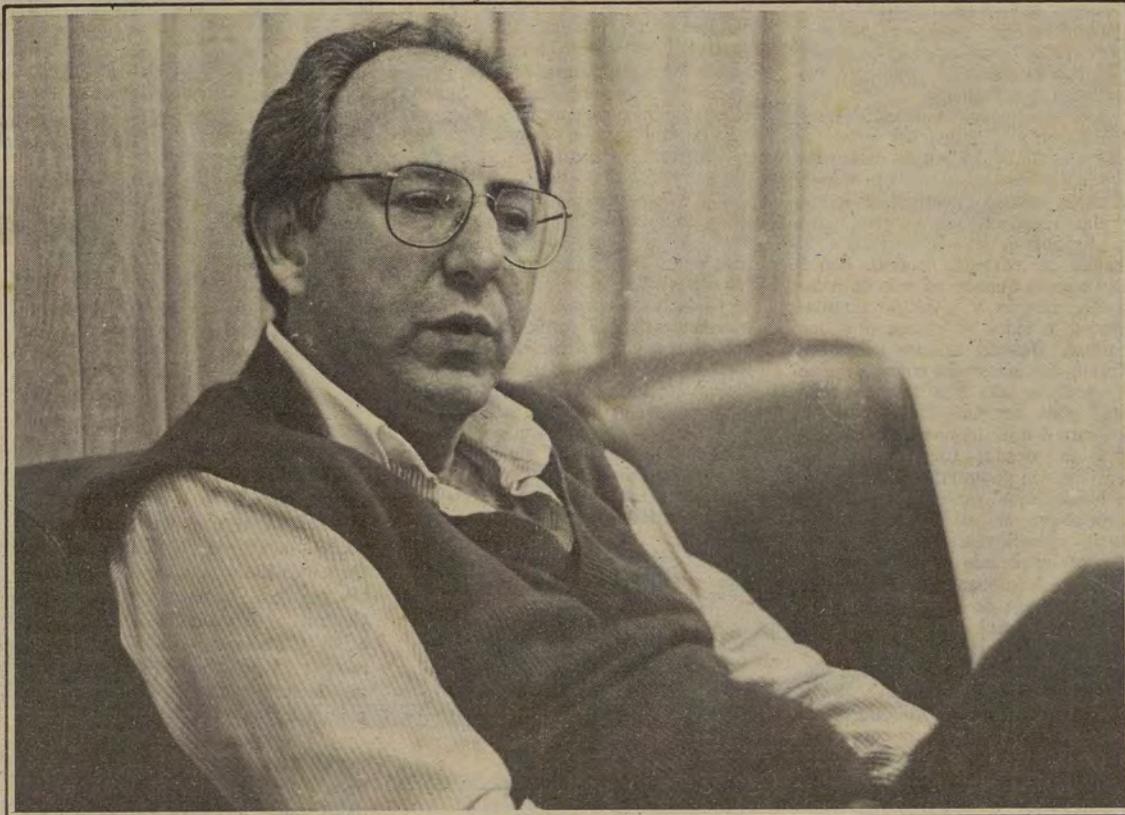
Enquanto o diretor do Hospital Universitário se preocupa em arranjar verbas para acabar as obras e contratar mais funcionários, os médicos já descobriram uma maneira mais fácil para conseguir dinheiro. É só sumir do hospital e esperar pelo salário no final do mês. Parece que está dando resultado. Ali tem médico com mais de cinco empregos, enfermeiros descuidados, médicos com meia hora de expediente, banco de sangue sem sangue, conselho que não é conselho. Ali tem muitas coisas que o diretor geral desconhece.

Tem sempre gente na fila para marcar consultas mas nunca ninguém para atender. Isso já virou rotina no Hospital Universitário. Os pacientes mais corajosos ainda conseguem esperar quinze, às vezes vinte dias por um atendimento, os outros desistem ou procuram outros hospitais. Isso porque o HU conta com 900 funcionários, entre eles 120 médicos que deveriam cumprir vinte horas semanais. Mas isso não acontece já que o número máximo para cada médico é de dez pacientes por dia e que alguns deles como o dr. Renato da Rosa, que tem um consultório na rua Jerônimo Coelho, trabalha no Centro Médico do Estreito e no Hospital Colônia Santana, reservam para o Hospital Universitário apenas seus horários de folga.

"O dr. Renato aparece segunda, terça e sexta às 14 horas, quase nunca fica até as seis", diz a D. Eulina da marcação de consultas. Já o ortopedista dr. Abel do Rosário pode ser encontrado no HU das 8 às 9 horas da manhã, depois disso "ninguém sabe, ninguém viu". O Chefe do Depto. Pessoal da UFSC, Nilto Parma diz não ter maiores conhecimentos sobre os horários de trabalho no hospital, "os contratos são feitos para os médicos trabalharem quatro horas por dia. É o próprio hospital que nos fornece a lista de frequência no final do mês e nós só encaminhamos os pagamentos".

E para quem quer marcar consulta com o pneumologista dr. Paulo Roberto Zeni, são muitas as opções. Ou pode receber atendimento no seu consultório particular no centro, na Eletrosul ou ainda numa Clínica de Reabilitação na Agrônômica onde ele exerce a função de "chefe". E no HU? Lá ele aparece às 8 horas da manhã, se não tem paciente, vai embora, se a agenda estiver "lotada", antes das 9:30 horas está tudo terminado.

Mas o diretor geral do HU, Alberto Chterspeski, acha que a conclusão das obras e a contratação de mais pessoal são fundamentais para o bom andamento do hospital. "Faz vinte e cinco anos que as obras começaram e ainda não conseguimos construir tudo aqui dentro. Precisamos também de um número bem maior de funcionários para colorcamos em funcionamen-



FOTOS: SABRINA FRANZONI/ZERO

Diretor do HU acha que funciona

to setores que estão parados", diz.

Mas a situação é bem mais grave e chega a tal ponto que alguns médicos trabalham somente um dia na semana. É o caso do hematologista dr. Gilmar Pacheco, que além de consultórios na Rua Osmar Cunha e no Ceisa Center, deixa livre para o HU as terças-feiras de manhã, quando não atende mais do que seus dez pacientes. "Ele nunca tem hora certa para sair. Chega aqui às 7:30 e quando a gente vê já se foi", conta a moça das consultas. Muitos problemas também acontecem na ortopedia. Médicos como o dr. Danilo Ferreira Rodrigues são desconhecidos mesmo pelos funcionários com mais tempo na casa. "Acho que esse médico já não trabalha mais aqui", diz um deles.

SEM RAIOS-X

Talvez seja essa má administração o "calo" do HU. O setor de radiografias é um dos locais onde nunca tem ninguém. Principalmente à noite as salas ficam completamente vazias. Os responsáveis pelo setor aparecem, marcam presença e depois de alguns minutos, tudo deserto novamente. Enquanto isso tem pacientes esperando na fila com radiografias marcadas até para o dia 28 de julho.

"Sistema de saúde no Brasil é caótico"

"O que temos que entender é

que o sistema de saúde no Brasil é muito caótico e que a área de saúde é muito complexa", tenta explicar o diretor do hospital. Ele acha o atendimento do HU muito bom e os médicos muito cautelosos, "só não está melhor porque não recebemos maiores atenções das autoridades competentes".

E é assim que anda o Hospital Universitário. A cada dia uma surpresa. No último dia 5 de maio mais um caso sem explicação. Segundo um funcionário a emergência do hospital recebeu um paciente perdendo muito sangue. O que aconteceu ninguém sabe mas o paciente não recebeu o sangue que precisava e acabou morrendo. Alguns culpam a cautelosa enfermeira-chefe Paula Stela Leite, "que não providenciou o sangue", outros apos-

tam na falta de estoque do banco de sangue. Mas o diretor acredita que o banco, que fica sob a chefia do cauteloso dr. Gilmar Pacheco é extremamente bem organizado e "até cede sangue para outras instituições que necessitam". Para ele o único problema é novamente com o espaço físico, "ele deve ser ampliado o quanto antes para que os acadêmicos possam passar a trabalhar lá dentro".

Mas quem resolve essa "repentina", falta de sangue no HU, por exemplo, é uma comissão de Sindicância, "que só serve para amedrontar, nunca para apurar os fatos", conta um funcionário. Ele já participou de uma dessas comissões e afirma que antes de qualquer coisa as pessoas são chamadas e alertadas de que nada deve ser descoberto, pois o objetivo "é só meter medo". Esse "incidente" do dia 5 já foi entregue para a comissão que prometeu estudar o caso. Até agora nada foi apurado, mas é que os diretores do hospital andam bastante preocupados com outros eventos importantes. A "Gincana" do dia 22 de maio, por exemplo, revirou o hospital durante uma semana inteira.

CAUTELOSA E DESCUIDADA

Outros casos de negligência envolvem a chefe de enfermagem, mas os funcionários preferem não falar, "porque se a gente fala não consegue mais emprego nem aqui nem em canto nenhum". Alguns ainda arriscam a contar algo e é assim que as histórias aparecem. No verão do ano passado, o HU fez um convênio com o Corpo de Bombeiros onde alugaram um helicóptero para serem executados os salvamentos. Os contatos eram feitos através do telefone, assim quando o helicóptero estivesse próximo do hospital se comunicaria com o motorista da ambulância para que o processo de salvamento fosse acelerado. Num desses salvamentos, a comunicação não teria sido processada e quando o helicóptero chegou ao HU a ambulância estava se dirigindo para o local de pouso. Na tentativa de salvar mais rapidamente a vida da paciente, um tenente do Corpo de Bombeiros teria levado no colo até a emergência onde a enfermeira Paula se recusou a dar atendimento porque a moça não havia chegado na ambulância. "Foi uma cena horrível, o tenente com a paciente no colo e a Paula aos berros gritando que não atendia", conta o funcionário que assistiu a tudo. Depois de muita discussão a paciente teria sido atendida e tudo voltava ao normal. Ao "normal" do HU.

Para o diretor do hospital o problema da emergência é o espaço físico. "Ela não tem capacidade para atender 120 pacientes por dia como está atendendo. É muita gente para nós selecionarmos o que é realmente urgente". Apesar de "improvisada", ele acha que a emergência do HU está dentro dos padrões da saúde brasileira.

Assim funciona o HU. Com pacientes perdidos pelos corredores sem atendimento e sem atenção. Enquanto isso 120 médicos, 120 leitos. Os pacientes estão no hospital, e os médicos?

"Este doutor é picareta"

O professor Henrique Finco, do Curso de Jornalismo da UFSC, ficou duas semanas internado no HU após um acidente automobilístico. A imperícia de um dos médicos que o atendeu poderia tê-lo aleijado. Aqui, o seu depoimento:

"Fiquei hospitalizado durante 14 dias no HU, com fraturas múltiplas e um pulmão perfurado. Só após doze desses dias é que fui encaminhado à Ortopedia, aos cuidados do Dr. Abel do Rosário. Este cidadão engessou meu braço direito e minha perna direita, recomendando que voltasse dali a um mês, no dia 10 de março. Tudo bem. Fiquei tranqüilo. Alguns dias depois, quando me sentia

menos pior, fui levado a Porto Alegre. Como o gesso da perna havia quebrado, procurei um médico para refazer o trabalho. Ele bateu novas radiografias e constatou a necessidade de uma cirurgia de urgência no pé direito, sob pena de perder um ou dois dedos. Um terceiro médico confirmou o diagnóstico, dizendo literalmente que "este doutor que te atendeu lá em Florianópolis é um picareta. Merece ser processado". Perguntei se ele sustentaria este parecer, no caso de um processo. A resposta foi afirmativa. Não irei processá-lo, pois exigiria muito de mim e ainda estou me recuperando de toda essa confusão. Mas isso não impede de imaginar: quantas pes-

soas será que esse "doutor" está aleijando? Este pensamento é deprimente. Muitas pessoas que passam ali são segurados do Inamps, sem recursos para reagir a tamanha incompetência e irresponsabilidade. E o pior é que pagam caro por esse "tratamento": 8% de seu salário, a cada mês.

"Minha sorte, por outro lado, foi poder contar com o trabalho do Doutor J. J. Cardoso, Pneumologista. Este médico foi além da simples eficiência, ele prestou um atendimento dedicado. Bom que existem médicos assim".

Henrique Finco
Professor e Jornalista

Cláudia Carvalho

Corredores são salas de aula

Jornalismo: sem espaço físico e sem equipamento

Em 79, quando o Curso de Comunicação foi criado e instalado no prédio da Imprensa Universitária, eram duas salas de aula, coordenadoria e secretaria. Hoje, nove anos depois, as condições do curso continuam totalmente precárias. Um corredor com um banheiro no fundo, é nisso que se resume o espaço físico do curso.

São vinte e um professores amontoados em quatro salas, junto de todo o material fotográfico, arquivos de fotos, laudas, além do microcomputador que, por sinal, deveria ser instalado numa sala com ar condicionado. Nem os professores têm condições de preparar suas aulas no curso, nem os materiais são devidamente instalados.

Aliás, refrigeração é luxo para quem tem que aprender num laboratório de fotografia com sete ampliadores e apenas um funciona perfeitamente. Ou num laboratório de rádio que fica ao lado da sala de vídeo e quando

os alunos estão vendo algum filme, é impossível fazer qualquer gravação por causa do barulho. Além disso, o calor na sala de rádio estraga constantemente a aparelhagem.

Carregar máquinas de escrever de um lado para o outro do curso já é comum. Como há apenas uma sala de redação, sempre que um professor está dando aula só é possível datilografar algum trabalho se houver outra sala disponível, se não o jeito é ir trabalhar no corredor mesmo. Isso é muito comum quando há aula de redação III, redação V e edição simultaneamente e todos os alunos precisam trabalhar. Quando sobram máquinas, a disputa é grande para conseguir uma boa, pois se não é a fita que está gasta, pode ser uma tecla faltando. Peça rara é uma salinha que fica embaixo da escada. Lugar reservado, quem for um pouquinho alto não entra. Nessa "sala" junto de muita poeira, pode-se ver os slides que irão formar os audiovisuais.

Em outra sala de vinte metros quadrados funcionam as secretarias do departamento e do curso, onde trabalham cinco funcionários. Nessa sala ficam os documentos e os únicos dois telefones, um faz ligações só para dentro e outro para fora. Esperar na fila do telefone também é rotina no curso.

Promessas da Reitoria para resolver o problema do espaço físico do jornalismo não faltaram. Durante qua-

tro anos o ex-reitor Rodolfo Pinto da Luz ficou prometendo o espaço ocupado pela Psicologia. Até uma planta baixa foi mandada para o Curso de Jornalismo para que se estudasse como funcionariam as instalações depois da desocupação da área. Uma forma da Reitoria enrolar e ganhar tempo.

No ano passado, Rodolfo Pinto veio até o curso fazer novas promessas. Ele prometeu que assim que o prédio do CCH (Centro de Ciências Humanas) ficasse pronto a Psicologia se mudaria. Mas quando o Reitor fez o balanço de sua gestão num folheto colorido, saiu uma foto de um professor do jornalismo dando aula com a seguinte legenda: "Jornalismo, mais espaço". Ao contrário, nessa época o jornalismo perdeu espaço, pois o "laboratório de ratos" da Psicologia foi desocupado e logo depois ali foi instalada uma biblioteca setorial do curso de letras. A ideia era ocupar o espaço com um auditório, já que o CCE é o único centro que não possui um.

Arley Machado

Categorias têm o mesmo peso na eleição do CCH

Quando o Conselho Departamental do Centro de Ciências Humanas (CCH) convocou uma Assembleia Geral para decidir qual seria o processo utilizado para a eleição da nova diretoria, não imaginava que isso resultaria numa experiência inédita no campus. Inédita e democrática: foi escolhida a votação universal, onde os valores de voto são os mesmos para todas as categorias, professores, alunos e servidores. Apesar da escolha ter sido quase unânime, as polêmicas dentro do próprio CCH já apareceram: servidores se negando a votar na chapa única e professores se sentindo ameaçados pelas avaliações a serem feitas.

"Essa será uma forma de se parar de discutir a nível de categorias para se discutir as propostas a nível de universidade", declara, o professor de psicologia e candidato à vice-direção CCH, Marcos Ribeiro Ferreira. Provavelmente são essas discussões que

levam os servidores a pensar que acabarão perdendo espaço. "Eles têm uma visão corporativista", completa Marcos.

Outros Centros já estão utilizando o CCH como exemplo para uma discussão sobre uma democratização do ensino e dos espaços das categorias. Isso, não se deve, no entanto, a uma divulgação através da imprensa. Marcos Ribeiro conta que procurou o Jornal Universitário para divulgar as novidades do CCH, mas nada foi publicado "por falta de espaço". O professor acredita que a Reitoria receie a generalização do voto universal, o que modificaria totalmente a estrutura política dentro da Universidade. Ele acha que é um processo legítimo, que não pode ser considerado uma solução, e sim uma maneira de viabilizar novos avanços.

A chapa única que concorre às eleições do CCH tem como candidata

à direção a professora de Antropologia, Ana Maria Beck, e foi composta em Assembleia Geral. A base das propostas é a produção de conhecimento através da pesquisa: "As universidades tendem a se transformar em um 3º grau", afirma Ribeiro. Ele não acredita que possa haver um ensino acadêmico enquanto os professores e os alunos ficam restritos às salas de aula ao invés de dinamizar e aprofundar os estudos através da pesquisa. E suas propostas não excluem os servidores: "Na produção do conhecimento, o servidor deve participar". Para comprovar essa tese, Marcos cita como exemplo, duas pesquisas suas, já publicadas, que têm servidores como co-autores.

Taciana Xavier

Baixa Sociedade

Um dos proprietários da Loja Beco, do calçadão da Deodoro, abriu a cabeça de um deficiente mental no dia dois passado. Ainda não sabemos o que ele procurava. Segundo populares que tentaram linchar o agressor, suas férias na condicional devem acabar.

Elliot Ness quer saber o destino dos envolvidos na apreensão de nove quilos de pó pela Polícia Federal de Itajaí.

Zero recebeu denúncia de que a Polícia Federal de Florianópolis estaria usando como sede social a fazenda de Juca Galeano, o maior traficante do sul do país. Tem mais ...

A Penitenciária Estadual de Florianópolis passou a exigir das mulheres dos hóspedes, além da roupa de cama, artigos de uso pessoal, no "sexy apple" a que têm direito. O documento não cita a camisinha.

Ignorante: "João", bêbado num bar do continente, se baba. Pela PM, no 4º Distrito ele chegou. Não conheceu um hospital ... ali mesmo ele morreu.

O chá-dançante promovido na cadeia pública de Florianópolis vai entrar para a história: alguns presos "dançaram",

pelos mais diversos motivos, levando uma sova de mangueira e toalha molhada, dada pela gentil carceragem daquele estabelecimento corretivo. Foram servidos alguns aperitivos e salgadinhos (água e pão de sal). Estava di-vi-no!!!

Rodinha, 1º de junho. De cuecas, Buzunga condecorado por duas rajadas de INA da PM carioca. Se não morresse dos tiros, morreria pelo modo como foi carregado.

Elliot Ness

Nos jetons se vai a verba da Universidade

O fim das taxas e dos Jetons da UFSC, está sendo proposta para o segundo semestre deste ano pelo DCE. Segundo Rejane Gomes, presidente da entidade, "se a Reitoria não precisasse pagar jetons, não teria por que cobrar as taxas dos alunos". Só com o pagamento de Jetons, a UFSC gastou, em 1987, a quantia de Cz\$ 512.733,24, o que equivale, hoje, a 30.160 passagens da linha beira-mar. Os jetons são uma espécie de bonificação paga aos membros dos Conselhos Centrais - Universitário, de Ensino, e de Curadores - da UFSC. Para receber 65 por cento do salário mínimo de referência, por reunião, basta assinar a lista de presença.

"Isto é um absurdo", protesta Rejane, "a maioria dos conselheiros já recebe salários da UFSC, e as reuniões estão incluídas na carga horária", diz ela. A composição de cada um dos conselhos inclui o reitor, os pró-reitores, o vice-reitor anterior, o ex-reitor mais antigo, os diretores de centro, representantes das federações patronais, professores, servidores e 1/5 de estudantes. A exceção dos estudantes, que doam bonificações para o DCE - é com essa grana que a entidade sobrevive -, os demais conselheiros "embolsam" esta quantia.

A possibilidade do DCE perder sua maior fonte de arrecadação não preocupa Rejane Gomes, "nós não podemos é permitir que tal despesa absurda continue a existir". Mas ela lembra que será preciso o apoio de todos

os estudantes, afinal, diz ela "o DCE passará a viver de suas próprias pernas". Não se conhece ainda a posição oficial das associações de professores e de servidores da UFSC, mas a expectativa do DCE é que elas também apoiem esta luta.

Quem já garantiu, caso a matéria vá para o Conselho Universitário, seu voto a favor, foi a diretora do Centro Tecnológico, Helena Stemer. Ela, a exemplo de Rejane, também considera "um absurdo alguém receber para participar de reuniões". Outro que também estaria disposto a apoiar a proposta dos estudantes é o diretor do Centro de Saúde, Jorge Polidoro, mas, o seu voto "dependeria da proposta apresentada pelo relator do processo".

Esta não será a primeira vez que o DCE apresentará uma proposta referente ao pagamento dos Jetons. Embora, seja a primeira em termos de "cancelamento". Ano passado, foi apresentada uma proposta segundo a qual todos os conselheiros doariam seus benefícios para a construção da moradia estudantil. Mas, ela não foi aceita pela maioria dos membros do Conselho Universitário.

Carlos Eduardo Caê

Gatti lança livro sobre filme de Glauber Rocha

Com lançamento pela Editora da UFSC na noite do dia três de junho no auditório do Centro de Convivência da Universidade Federal, foi apresentado ao público o livro "Barravento: a estréia de Glauber", do professor José Gatti, do Curso de Comunicação Social.

Os presentes foram recepcionados pela professora Gilka Girardello, em razão do autor encontrar-se em Nova York completando curso de doutorado.

A obra é resultado da tese de mestrado de Gatti, e analisa a posição de Glauber no trabalho frente às realidades místicas dos costumes e credências africanos impregnados na cultura do povo baiano. A preocupação com as características técnicas da fita emerge intensamente do texto pelo prisma crítico de um dos inspiradores da Cinemateca Catarinense.

Sérgio Machado



Capa do livro

O professor Mauro Pommer, especialista na área e o cineasta catarinense Zeca Pires, colega de Gatti na Cinemateca, enalteceram o estudo contido na obra, sendo exibido em seguida o filme de Glauber Rocha, um dos marcos iniciais de sua carreira.

Era uma vez a tal da tesoura

A Constituinte faz conto-de-fadas com a comunicação

1988. Ano da abolição à censura da informação jornalística. Desta vez não foi a princesa Isabel a responsável pelo grito de liberdade e sim a rainha da política atual: A Constituinte. A informação se livrou enfim das chibatadas e as portas das senzalas foram abertas para que o pensamento seja livre... Será???

O capítulo da Comunicação foi votado dia 24 de maio e os 443 votos aprovaram o texto elaborado pelas lideranças partidárias. A rainha resolveu mesmo acabar com os tiranos de seu reino e proibiu o monopólio dos meios de comunicação... Burocracia é outra palavra proibida. Agora revistas e jornais não precisam de licença para serem publicados. Brasileiríssima, a rainha disse que as empresas jornalísticas e de radiodifusão deverão pertencer a brasileiros natos ou naturalizados há mais de 10 anos (como o Mr. Victor Civita e o Mr. Senhor Abgravanel).

Os súditos do poder executivo serão encarregados de outorgar e renovar as concessões das emissoras que terão um prazo de 10 anos para rádio e 15 anos para TV. Um mensageiro do palácio chamou a atenção do povo para as exigências reais: Toda programa-



A Bruxa Malvadeza jogou seu encanto aqui

ção de emissoras de rádio e TV deverá ter preferências por finalidades educativas, informativas e culturais, promover a cultura nacional e regional e respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família (como por exemplo os educativos enlatados americanos e a ética de um filme em que Ronald Reagan massacra os índios do oeste).

Não à censura

A Sra. Censura, uma das costureiras do palácio, perdeu a tesoura e não poderá mais cortar as diversas manifestações do povo. Os paletós e as calças jeans vão se encontrar nos microfones para expor suas idéias (os paletós falam primeiro, é claro). Os

artistas poderão finalmente mostrar os trabalhos que tantas vezes foram destruídos pela maldosa senhora que os impedia de denunciar através da arte. Uma lei federal vai instituir horários e a censura etária para que os conceitos morais da instituição chamada família não sejam afetados.

Sua majestade ainda anunciou a proposta de um dos conselheiros, o deputado José Elias Murad; os fumantes, os adeptos do halterocopismo e os hipocondríacos vão assistir às propagandas de seus produtos prediletos, acompanhada de uma contrapropaganda que mostra os males que o produto causa, isto se o dono da emissora não tiver

nenhum desses vícios. O objetivo do conselheiro é proteger as crianças dos comerciais que engrandecem o fumo, as bebidas alcoólicas e os medicamentos.

A rainha concedeu uma entrevista coletiva à imprensa e disse que pretende arquivar os textos aprovados. Ela vai tirar umas férias e onde estiver terá a certeza de que tudo estará acontecendo conforme as leis reais, e seremos felizes para sempre...

Márcia Carvalho

Na Educação ficou tudo como antes

A Constituinte aprovou o capítulo referente à Educação, estabelecendo que a "educação é direito de todos e dever do estado, e da família", nos estabelecimentos públicos "o ensino será gratuito", todos terão "igualdade de condições para acesso ao ensino público", as universidades gozarão de "autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira", e que o governo federal "aplicará anualmente 18 por cento dos impostos na educação". Na realidade, segundo afirmou o pró-reitor da UFSC Gilberto Ângelo, "pouca coisa mudou em relação ao que se tinha".

Uma das principais reivindicações dos estudantes e professores, "verbas públicas apenas para as escolas públicas", não foi aprovada. Pela nova lei as escolas privadas "que não apresentam fins lucrativos", poderão receber verbas do governo. A presidente do DCE, Rejane Gomes, considera a aprovação deste item como "prejudicial para a educação". Ela acredita em grandes mudanças para o ensino público, pois, segundo ela "a onda de privatização do ensino vai continuar".

A líder estudantil destaca que não basta apenas aprovar um item que obrigue o estado a dar 18 por cento para a educação. "É preciso saber como esse dinheiro será aplicado". Entre os estabelecimentos que continuaram a receber verbas do Ministério da Educação, estão as escolas militares. E, apesar do aumento do percentual de verbas, é bem provável que o dinheiro para a construção de moradias estudantis e para a manutenção dos Restaurantes, Univeritários continue bloqueado. Rejane afirma que "nem mesmo a suplementação de verbas para a UFSC, neste semestre, está garantida".

A dirigente estudantil faz questão de ressaltar que "apesar de não conseguirmos tudo o que pretendíamos, obtivemos uma importante vitória ao derrotarmos a proposta do centrão". A proposta inicial daquele grupo de parlamentares, apontava o fim do ensino público no Brasil. Rejane não concorda com a afirmação de que tal "vitória" deveu-se ao acordo de cúpulas.

Na sua opinião, "foi fundamental a manifestação realizada pelos estudantes no plenário da Constituinte". Na semana que ocorreu a votação do item "educação", o Congresso Nacional foi invadido por estudantes de diversos estados, que visitavam os parlamentares em busca de apoio para sua proposta. De Santa Catarina foram 39 alunos, levados pelo DCE-UFSC, e mesmo sem saber informar o número total de acadêmicos presentes em Brasília, Rejane afirma ter sido esta "a maior manifestação acontecida na Constituinte".

receberão seus direitos autorais em forma de premiação. Todas as fotografias premiadas não vão ser devolvidas aos autores.

Um representante da Kodak, um editor e um crítico de fotografia e um membro da comissão de Representantes Fotográficos de São Paulo julgarão os trabalhos.

As fotografias acompanhados de fichas de inscrição deverão ser remetidos aos Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de São Paulo, rua Rego Freitas, 530 - Sobreloja, CEP 01220, Vila Buarque - SP. Outras informações e o regulamento do concurso podem ser conseguidos também nesse endereço.

Arley Machado

Fenaj faz concurso fotográfico para jornalistas de todo o país



Jornalismo também se faz com imagem, até no Vietnã (69)

Estão abertas até o dia 10 de junho as inscrições para o prêmio Kodak-Fenaj de Fotojornalismo 88. Esse concurso é aberto a fotógrafos portadores de registro profissional e filiados à algum Sindicato de Jornalistas Estadual. Podem concorrer fotos em cores e preto e branco, publicadas ou não, que tenham sido realizadas no período de 21/6/87 a 10/7/88.

Os trabalhos podem ser inscritos nas categorias reportagem, política, esportes, seqüência geral e ensaio fotográfico (reportagem fotográfica), sendo que cada profissional pode inscrever até três trabalhos por categoria. As fotos, sem moldura, devem conter no verso o nome do autor, endereço e telefone além do local e data em que foram realizadas.

O vencedor do concurso vai receber 100 OTNs, diploma e medalha, e os primeiros e segundo lugares nas demais categorias serão premiados com filmes fotográficos. Além disso, os autores selecionados

Carlos Eduardo Caé

Ambiente sempre ameaçado

Lagoa de Potecas pode poluir rio Imaruá

Exatamente durante a Semana do Meio Ambiente, comemorada nacionalmente entre os dias 1º e 7 de junho, a Fundação de Amparo à Tecnologia e ao Meio Ambiente (FATMA) aprovou um projeto de saneamento que ignora os requisitos mais básicos de proteção ao ecossistema local. Através de um acordo de cavalheiros, a Fundação isentou a Companhia Catarinense de Águas e Saneamento (CASAN), da obrigação de medir previamente as conseqüências que suas obras vão ter sobre toda a flora e fauna do Rio Imaruá. O sistema de esgoto similar realizado em Camboriú indica que a falta de planejamento ambiental pode alterar as características dos rios, transformando-os em focos de proliferação de mosquitos e fontes de mau cheiro.

No dia 28 de maio, um ex-funcionário da CASAN denunciou irregularidades sobre a lagoa de estabilização que

está sendo implantada em Potecas, município de São José. A obra teria sido iniciada no princípio do mês, sem passar por um teste obrigatório: a apresentação do Relatório de Impacto no Meio Ambiente (RIMA) à FATMA, responsável pela concessão de licenças para construções deste tipo. A primeira reação dos engenheiros do órgão foi anunciar que provavelmente a obra seria embargada. No dia seguinte, o Superintendente para Assuntos Técnicos, Márcio Rezende Francalacci, anunciava o perdão à empresa infratora.

INCONFORMISMO

"A Casan provou que seu projeto foi aprovado em 1977, quando ainda não havia a exigência do RIMA", justificou o superintendente perante um grupo de ecologistas inconformados com a complacência da FATMA. Os próprios engenheiros do órgão lamentaram a decisão. Gustavo Masenes Carmona foi um deles, argumentando que a resolução n.º 1 do Conselho Nacional do Meio Ambiente, baixada em 1986, decreta a necessidade da realização do RIMA antes da implantação de sistemas de saneamento.

"O último parágrafo dispõe que todas as disposições em contrário estariam revogadas a partir daquele momento (86)", completa Carmona. Embora o RIMA só tenha virado exigência a nível nacional neste ano, datam de 1980 as leis estaduais que prevêm a obrigatoriedade de sua realização para obras que envolvam recursos naturais.

O grande perigo de uma lagoa destinada ao processamento de esgoto é sua tendência a gerar uma quantidade excessiva de algas, ainda mais quando ela comporta um volume de água considerável, como os 18 milhões de litros que vão inundar Potecas. Todo o material orgânico da lagoa será despejado no Rio Imaruá, numa afronta perigosa à sobrevivência da fauna e flora aquática. "Os moradores da Ponte do Imaruá estão com muito medo que a lagoa prejudique a pesca de mariscos e berbigões", relata o pescador Pedro Antônio Silveira. Até agora esta comunidade só recebeu a garantia de que a FATMA vai esta aberta a reclamações futuras, que serão encaminhadas à CASAN para as devidas providências.

ALTOS CUSTOS

"Não podemos inviabili-

zar uma obra de saneamento que vai beneficiar 99 mil habitantes com a execução do RIMA, que exige o desembolso de Cz\$ 80 milhões e mais três meses do projeto parado", alega Grover Alvarado, da Divisão de Projetos da CASAN. Os técnicos da FATMA informam que não são necessários mais que 30 dias para que o estudo seja feito. Com relação aos custos, eles variam de 0,1% a 5% do orçamento total da obra.

"Pesquisas feitas por institutos americanos revelam que em casos em que o levantamento ambiental não é observado, as empresas acabam tendo que dispendir posteriormente cerca de 20% do curso inicial para corrigir eventuais complicações no ambiente", é a ressalva do engenheiro Carmona. Quando em maio próximo a lagoa de estabilização de Potecas for posta em funcionamento, será geral a expectativa - ou a apreensão - sobre o quanto a imprudência da Casan vai custar, não para seus cofres, mas para o ecossistema da grande Florianópolis.

Heloisa Dallanhol

Partido Verde é contra o acordo nuclear

Organizado em mais de 48 municípios do Estado, o Partido Verde já está em condições de participar das eleições de novembro. Em Santa Catarina o PV é mais representativo no Vale do Itajaí, grande Florianópolis e no sul do Estado. No seu programa, o partido afirma ser de militantes e não de burocratas, já que não permite que seus membros ocupem mais de um cargo nos diretórios, municipal e estadual.

O rompimento com o FMI e a denúncia do acordo nuclear brasileiro, responsável por 8% da dívida externa brasileira, são algumas propostas políticas do PV. E um dos seus principais articuladores no Estado é Rogério Portanova, formado em Direito e pós-graduado em Direito Ambiental, ele afirma que a política do partido não é meramente conservacionista e cita o acidente de Goiânia como um alerta para o perigo da radiação nuclear.

Para estas eleições, o PV vai participar da Frente Popular, pois acredita que só com a união dos partidos de esquerda será possível uma vitória contra os grandes partidos. Além do PV a Frente Popular é formada pelo PCB, PC do B, PDT e PSB.

MARGINAIS SOCIAIS

Aposentados, menores, mulheres, homossexuais e negros, Rogério Portanova propõe uma maior reflexão sobre os direitos e desejos destes grupos, ao denominá-los marginais sociais.

"Os homossexuais sofrem hoje um terrível preconceito por causa da AIDS, o que é uma injustiça pois no Brasil, com a falta de critérios nos bancos de sangue, o número de casos da doença em hemofílicos supera o dos homossexuais", afirma.

O líder ecologista cita o protesto dos aposentados do Sul do Estado, em fevereiro deste ano, como um exemplo da força dos movimentos sociais no Brasil. Veiculada em jornais nacionais e da América Latina, a manifestação dos aposentados parou a BR-101, dando impulso a outros movimentos do gênero no País. Além disso, lembra Portanova, busca-se um maior espaço político para as mulheres. "Encarar a mulher como mão-de-obra produtiva e não apenas em sua especificidade sexual", conclui Rogério.

ECODESENVOLVIMENTO

A política de ecodesenvolvimento coloca em xeque os problemas da sociedade industrial. Surgida na Europa, a idéia de um desenvolvimento que preserve o meio ambiente tornou popular as duas principais bandeiras dos verdes. Uma delas é o desarmamento e a outra é a produção zero, onde os ecologistas do Primeiro Mundo protestam contra um ilusório progresso. Eles afirmam que o custo social deste progresso é maior do que se oferece em benefícios aos que produ-

zem. Na Áustria, por exemplo, uma comunidade preferiu desaquecer um pouco suas casas, para economizar no número de megawatts que provêm da energia nuclear.

"Divergindo das posturas socialistas clássicas, a política de ecodesenvolvimento não visa apenas a distribuição da renda, mas o perfeito equilíbrio do homem na Terra", afirma Portanova mostrando-se com isso contrário à instalação de indústrias na Ilha, afirmando que com a agricultura a cidade pode tornar-se auto-sustentável em alimento: "Precisamos refazer o cinturão verde que Florianópolis tinha há um tempo atrás, isto não é uma volta ao passado mas sim um pulo para o futuro, já que tudo poderia ser feito com o uso de computadores".

USINA DE LIXO

Portanova critica a prefeitura de Florianópolis pelo descaso com que trata as causas ecológicas, como por exemplo na questão do lixo: "O PV solidarizou-se com a comunidade do Itacorubi, pedindo o fechamento do lixão. O mesmo aconteceu com a comunidade Sambaqui, onde os ecologistas apoiaram o protesto dos moradores pela não instalação da usina de lixo no local", afirmou Portanova esclarecendo que não estavam sendo obedecidas as exigências do Conselho Nacional do Meio Ambiente. O CO-

NAMA exigia a apresentação de três locais disponíveis para a construção da usina, mas quando a Prefeitura elaborou o Relatório de Impacto do Meio Ambiente (RIMA), já definiu o local". Numa atitude arbitrária do Prefeito", protestou.

Portanova afirma que o PV atacaria o problema de maneira efetiva: a solução seria a construção de pequenas usinas em algumas localidades com custos menores para os cofres públicos. "No caso do lixo recolhido no centro da cidade, poderia se pensar na construção de uma usina fora da ilha", disse.

Outro descaso da prefeitura, para Portanova, foi o projeto Naturinha. "Foi no mínimo uma atitude hipócrita", se referindo ao patrocínio da Souza Cruz ao projeto. Com a intenção de educar ecologicamente as crianças, o Naturinha visitava as escolas e as praças da cidade, mostrando como se deve preservar o meio ambiente". Mas por trás da boa intenção da prefeitura, estava a propaganda de uma empresa altamente poluidora". Para ele isto demonstra "o quanto as autoridades não encaram os problemas ecológicos de frente", concluiu.

Ewaldo W. Neto
Rubens Vargas

A voz virou pauta

"Essa gente que você não vê faz a televisão que vê". Essa é uma das frases conhecidas que são usadas para homenagear os profissionais de televisão - no caso desta, os da Rede Globo. Porém, existem aqueles que você não vê, mas ouve, como é o caso de Maria Alice Barreto, ex-rádio-atriz e dubladora, que estreou aos 14 anos na primeira rádio-novela de Santa Catarina.

Florianopolitana, simpática e fumante inveterada, Maria Alice iniciou sua carreira em 1949, na Rádio Guarujá, com a rádio-novela "Nuvem Negra em Céu Azul", de Gustavo Neves Filho, que também era o galã do programa, atuando no papel principal. Atuou em rádio-novelas até 1954, paralelamente com um emprego de cantora-craner no Lira Tênis Clube, indo para o Rio de Janeiro em 1955. Lá, a passeio, fez teste para a Rádio Nacional e acabou ficando até 1965. Seu primeiro trabalho na capital carioca foi "Há sempre outra mulher", de Roberto Faissal, onde interpretava a "outra".

Em 1958 passou a fazer dublagens para a companhia cinematográfica Atlântida. "A Bela Adormecida", de Walt Disney, foi sua primeira dublagem, onde fazia o papel-título. Em 1959 foi dublar em televisão, na companhia Herbert Richers, fazendo vozes variadas no seriado "Bat Masterson". Daí para frente sua voz foi gravada para vários filmes e desenhos animados (que são sua especialidade) como: As prisioneiras (filme), Escola de Heróis (desenho animado), Sissy (seriado de TV, fazendo o papel-título), Dallas (seriado de TV, onde dublava a voz de Afton - uma das amantes do milionário do petróleo JR) e outros.

Virginiana, fã de livros que contam sagas de família, Érico Veríssimo e João Ubaldo Ribeiro, vidrada em doces, voltou à Florianópolis em 78. Segundo ela, há duas formas de dublagem: por tela, que o filme passa em tela de cinema para ser dublado, assim mais fácil e por VT, onde as fitas do filme ou desenho são vividos entre três ou quatro monitores de vídeo.

Hoje com uma filha e uma neta de 11 meses, divide seu tempo como síndica do prédio onde mora e com um "bico" na Rádio Guarujá, em Florianópolis. Diariamente, grava 45 minutos no programa "Tarde Milionária", de Mário Silva, onde faz a voz do menino Floripinha, na hora dos sorteios. Porém, cada vez que volta ao Rio de Janeiro, faz pequenos serviços de dublagem. Apesar de trabalhar em rádio AM, Maria Alice aprecia um bom rock nas FMs, detesta Alcione, assiste os noticiários de TV e lê o jornal "O Globo" do Rio, onde gostaria de voltar a morar e trabalhar em dublagem.

Marcos Cardoso

OLP acusa Israel de terrorismo

Palestino diz que revolta é contra opressão

O Vice-Representante da Organização para a Libertação da Palestina no Brasil, Fawzi El Mashni, proferiu uma palestra no auditório da Reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina. Antes, porém, concedeu entrevista exclusiva para o Zero. Na conversa, Fawzi fala do atual levante palestino nos territórios ocupados da atuação da imprensa mundial, dos planos da OLP para o futuro e do suposto ódio recíproco entre árabes e judeus. Durante toda a entrevista Fawzi mostrou-se tranqüilo, mas podia notar-se uma ponta de saudade e tristeza quando ele fala da péssima situação que estão vivendo os palestinos.

Zero - Como está a situação nos territórios ocupados atualmente?

Fawzi - A partir de 9 de dezembro de 87, começou um levante palestino contra a ocupação israelense. Este levante teve por motivos imediatos, o atropelamento proposital de operários palestinos por um caminhão do exército de Israel. Quatro pessoas morreram e nove ficaram feridas. A partir daí, os protestos eclodiram na Faixa de Gaza e Cisjordânia estendendo-se por todo o território ocupado. Até hoje, as manifestações, os protestos, greves gerais, etc. ... continuam e provocaram uma violenta repressão por parte de Israel. Praticaram a política da mão-de-ferro, quebraram ossos, enterraram pessoas vivas, jogaram gente de helicópteros, fecharam escolas e hospitais. Daquela data até hoje, já morreram 345 pessoas, oito mil ficaram feridas e vinte mil foram presas incommunicáveis em prisões e campos de concentrações onde nem a Cruz Vermelha pode entrar. Mas o motivo principal da revolta é mesmo a ocupação. Foram 20 anos fermentando e a revolta acabou explodindo agora.

Zero - Este é um movimento que veio de baixo, da própria população que sentiu na carne estes 40 anos de perda parcial da terra e 20 anos de perda total. Por isso, o senhor acha que há condições do levante alcançar seus objetivos maiores?

Fawzi - Esta é uma revolução popular. Homens, mulheres, velhos e

crianças participam. Só que é uma revolta em que usa-se apenas paus e pedras contra as armas mais sofisticadas que existem fornecidas pelo imperialismo norte-americano. Eu acho que com este levante o fim da ocupação está mais próximo. A solidariedade internacional está maior e a própria consciência mundial reconhece cada vez mais a causa palestina. Agora, está claro que quem pratica o terrorismo é Israel. Aquela idéia que a grande imprensa mundial tenta vender de que os árabes são terroristas está acabando. Eles praticam o terror, nós a luta pela liberdade. Nós somos libertadores.

Zero - Falando na grande imprensa, sabe-se que o sionismo exerce grande dominação na imprensa mundial. Por isto, muitas vezes, a questão palestina fica de fora dos grandes noticiários. Agora, noticia-se pela grandiosidade do levante e da repressão. A OLP pretende fazer alguma coisa para minimizar esta dominação dos meios de Comunicação pelos sionistas?

Fawzi - Ninguém pode tapar o sol com a peneira. De fato, eles cons-



guiram enganar a opinião pública nestes 40 anos. Mas, com o levante os meios de comunicação têm mostrado para o mundo as atrocidades do governo israelense e demonstrou a tenacidade do povo palestino. A

imagem de que Israel era um estado democrático caiu por terra. Mesmo assim, a censura continua enorme. Zero - Golda Meier declarou certa vez, que "só vai haver paz no Oriente Médio quando os árabes amarem seus filhos tanto quanto odeiam os judeus". Qual sua opinião sobre esta frase?

Fawzi - Certa vez, eu ouvi um camponês palestino dizer a repórteres norte-americanos que "nós não temos ódio nem do povo nem da religião judia. E nós não queremos que nossos filhos que nasceram sobre ocupação tenham este ódio". Realmente, são os israelenses que estão criando este rancor no coração dos palestinos. Sempre ouvimos Golda Meier, Sharon, Menachem Begin, falar em paz. Mas sempre foram os primeiros a fazer a guerra. Os massacres, desde Deir Yassin até Sabra e Chatila, o recente ataque de Tunfs e as matanças de agora. É esta a paz que eles proclamam.

Zero - Israel tem feito ataques a quase todos os países árabes. Não seria agora a hora de integralização destes países?

Fawzi - Eu acho da maior importância a unificação do mundo árabe. Lamentavelmente, existem muitos interesses internos na região. O imperialismo procura dividir para enfraquecer. Mas unidade é a força e nós queremos a força. Assim, Israel não poderá ser tão arrogante e agressivo como agora. Se houvesse união, o sionismo pensaria 10 vezes antes de atacar um país árabe, pois enfrentaria uma forte resistência.

Zero - E a religião tem atrapalhado? Fawzi - Felizmente na Palestina, viviam tranqüilamente cristãos, muçulmanos e ateus sem problemas. Judeus também. São muitos os judeus que têm defendido a causa palestina. Nós sempre fomos contra o fanatismo religioso e os estados sectários.

Zero - Dentro da própria OLP existem dirigentes de outras religiões, não é?

Fawzi - Os padres Hilário Capucci, Ibrahim Mayade. Nas outras facções temos George Habasche e muitos outros.

Zero - A OLP tem recebido apoio dos outros povos? Tem se mostrado solidário com outros povos em luta? E as relações com o Brasil?

Fawzi - Nós acreditamos que a solidariedade é o Bálsamo dos povos. A questão da paz, da justiça e da liberdade não tem fronteiras. Com a solidariedade internacional nossa luta fica mais forte, temos mais ânimo para vencer. Da mesma forma que recebemos, damos solidariedade aos outros povos em luta. Sempre que atacam um povo que busca sua autodeterminação estão nos atacando também. Quanto ao povo e o governo brasileiro, já demonstraram inúmeras vezes o seu apoio ao povo palestino.

Zero - O que pretende ser feito daqui para a frente?

Fawzi - A luta continua. Agora, pretendemos uma Conferência Internacional da Paz sobre a direção da ONU. Queremos uma conferência onde estejam os membros do Conselho de Segurança da ONU e que a OLP entre em pé de igualdade nas discussões. A ONU já foi responsável pela tragédia do povo palestino. Agora é a vez de reparar o erro.

Entrevista e texto
Ismail Ahmad Ismail

Estado judeu foi o problema

No dia 14 de maio, Israel comemorou os 40 anos de sua criação. São 40 anos de intranquilidade e guerras. Tudo começou com uma resolução da ONU que resolveu dividir a Palestina, criando o chamado Lar Nacional dos Judeus. Esqueceu-se porém, que naquele território havia um povo que o habitava desde 3000 antes de Cristo. Subestimou-se o direito deste povo. Era mais de um milhão de pessoas, não era portanto "uma terra sem povo para um povo sem terra", como proclamaram os judeus na época. Ali existia uma população que produzia as melhores frutas cítricas do mundo, que tinha uma cultura, uma tradição, língua, religião, costumes. Dividiram a terra deste povo deixando-lhes apenas 44% de seu território inicial. Não contentes, tomaram os outros 56% e começaram a expulsar os palestinos de sua terra. Hoje, eles estão espalhados pelo mundo. Mas, mesmo assim, ainda são mais de um milhão e meio que habitam a outrora Palestina.

Agora, resolveram dar um basta

a esta situação e foram para as ruas armados de paus e pedras para lutarem contra os que os expulsaram de suas terras. Foram 40 anos fermentando uma revolta interior. A população árabe dos territórios ocupados está fazendo uma revolução. Sem armas com que lutar, eles parecem ter perdido o medo. Enfrentam o quarto melhor exército do mundo de peito aberto. São crianças de dez, doze anos, mulheres, jovens, homens, velhos. Estão determinados e pelas imagens que o documentário "Revolta das Pedras" nos mostra eles não vão parar mais. A bandeira palestina não está mais guardada, o Hatar (símbolo de luta do povo árabe) também não.

Nesta revolta, quase 400 palestinos já morreram. Apenas uma judia. Isto porque um grupo de adolescentes de um movimento religioso intranacionalista judeu, resolveu invadir a aldeia palestina de Beita, escoltado por soldados armados com metralhadoras Uzi, para "mostrar aos árabes quem é que manda na região", confirmou depois

uma das componentes do grupo. O conflito foi inevitável, morreram dois palestinos e a jovem judia Tirza Porat, de 15 anos. O ministro da justiça exigiu que a aldeia fosse varrida do mapa. 13 casas foram explodidas sendo que uma delas era de um árabe que prestou socorro aos judeus e agora vai ser indenizado - todo mundo foi colocado sobre toque de recolher. Quatro dias depois o chefe do Estado-Maior das Forças de Defesa de Israel, general Dan Shomrom, veio de público dizer que Tirza foi morta por uma bala disparada por uma das armas dos soldados. A ultradireita reagiu e pediu a renúncia do general, que não aconteceu, e ainda manteve suas conclusões.

Devido a aberrações como esta, é que a "Revolta das Pedras" está nas ruas. O que acontecerá daqui para a frente, ninguém sabe. Enquanto isto, muitos palestinos ainda morrerão, judeus também. E a tão propalada paz não surgirá sem que seja dada uma solução para o povo palestino.

Anistia defende o Homem em todo o planeta



Quem foi preso por suas convicções, cor, sexo, origem étnica, idioma ou religião, pode acalantar uma esperança. É que a qualquer momento a Anistia Internacional pode resolver seu caso. A Anistia Internacional é um movimento mundial que independe de qualquer governo, interesse político e econômico, ou grupos religiosos, e que atua na defesa de pessoas que tenham sido presas sem acusação formal ou julgamento. No Brasil há três representações da Anistia Internacional nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

O movimento conta com mais de 500 mil membros e simpatizantes espalhados em 150 países e territórios do mundo. Para preservar sua imparcialidade e independência a Anistia Inter-

nacional controla rigorosamente a aceitação de fundos, mas para manter-se e conseguir seus objetivos, ela é financiada por seus membros, através de contribuições individuais ou doações.

Os "prisioneiros de consciência", a quem a Anistia Internacional têm como alvo estão na metade dos 154 países membros das Nações Unidas. O que preocupa e torna mais difícil sua ação, é que em mais de 50 países as pessoas podem ser presas sem acusação ou julgamento, e em mais de cem a pena de morte está em vigor, até mesmo por ofensas políticas.

Em Londres fica o "quartel geral" da Anistia Internacional. É na capital inglesa que trabalham cerca de 200 funcionários responsáveis pela

pesquisa. Estas pessoas recolhem e apuram informações obtidas de fontes diversas, como jornais, boletins governamentais, relatórios de advogados e organizações humanitárias. Há equipes do movimento que são reunidas para fazer pesquisa em diversos países, como também acompanhar julgamentos.

Quando a Anistia Internacional descobre um preso de consciência, como são conhecidos seus presos, ela envia cartas aos governos, embaixadas, principais jornais e familiares do preso. Além disso, recolhem assinaturas para petições internacionais, e ajudam as famílias dos presos com roupas, medicamentos e agasalhos.

Se você quiser fazer parte da Anistia Internacional, pode agir de vários modos. Pode enviar cartas pres-

sionando os governos onde haja presos de consciência, juntar-se a grupos locais, tornar-se membro-contribuinte ou também comprar publicações que relatam casos concretos de violação dos direitos humanos.

Os membros da Anistia Internacional lutam pela sua própria dissolução. Mas, segundo eles, isso só vai acontecer quando as discriminações, as violações dos direitos humanos, a pena de morte e a prática da tortura forem extintas. Porém, o mundo ainda está muito distante disto.

Mário Vaz

Eleitores sem direito à terra

**Armas e coação:
Polícia desaloja
33 famílias**

"Fizeram todo mundo levantar na ponta do rifle, levaram alguns pra delegacia e até mulher grávida de sete meses perdeu criança por causa do susto". É o que conta Learcino Roberto Gonçalves, morador de um barraco na continuidade da rua Almirante Tamandaré, em Coqueiros, e que junto com 33 famílias está sendo despejado de sua casa.

A polícia, depois de invadir as casas, levou algumas pessoas ao 4º Distrito. A maioria analfabetas, lá foram "convidadas" a depor, e mes-

mo não sabendo ler tiveram que "assinar" (impressão digital), sem a presença de um advogado, o papel onde estavam suas "declarações". O que assinaram não sabem. A polícia civil, ao ser questionada pela invasão das casas, alegou estar fazendo busca de "drogas e ladrões". Segundo os moradores, os carros que os policiais usavam eram particulares e eles estavam armados de fuzis e metralhadoras.

Depois deste episódio, a polícia ficou um mês fazendo vigilância permanente, impedindo que os assentados consentassem seus barracos mesmo durante as fortes chuvas, quando muitas famílias com crianças não tiveram onde ficar.

A propriedade onde as famílias se encontram é de

Norma Giácomo, que diz que os assentados poderiam continuar no local, se não fossem as constantes reclamações que vem recebendo dos moradores da área nobre residencial que fica próxima aos casebres. Norma Giácomo entrou com um processo de despejo na justiça.

A Comissão do Solo Urbano (movimento popular) e o Caprom (Centro de Apoio e Promoção do Migrante), ao saberem da precária situação em que se encontram as famílias, começaram a organizar o pessoal, a partir da conscientização sobre seus direitos básicos, como a moradia. Atualmente estão localizando um terreno para começarem a pressionar a Administração Municipal.

A prefeitura vem segui-



Cena brasileira. Multiplique por milhares.

damente prometendo para 16 das famílias (estas estão sobre o terreno de D. Norma, as outras 17 famílias estão em ter-

renos do DNER e da Celesc), seu assentamento em outra área, mas até o momento não existe nada de concreto. Outro órgão envolvido é o Mirad (Ministério da Reforma e Desenvolvimento Agrário), que se interessou ao saber que algumas famílias tinham vontade de trabalhar no campo.

Foi somente há uma semana que se conseguiu fazer um acordo com dois advogados da proprietária do terreno e com o juiz, para garantir a permanência dos moradores por 120 dias. Enquanto isso, a Prefeitura, o Mirad e a Co-hab tentam chegar a uma "solução". As famílias, se forem despejadas, não têm para onde ir.

Sabrina Franzoni

Sebastião: "Pra onde levo minha família?"



FOTOS: SABRINA FRANZONI/ZERO

Sebastião, sem lar

Seu Sebastião Gonçalves e seus sete filhos correm o risco de a qualquer momento serem despejados, Sebastião é agricultor e veio de Lages para Florianópolis em busca de vida melhor. Que vida a deste Sebastião

... Ele trabalhou durante dois anos e meio numa fazenda em Lages, cuidando do gado e plantando. Ganhava o equivalente a 1 mil cruzados hoje. Mas Sebastião não podia criar galinhas, pois a esposa do patrão disse que atrapalhavam as suas. Ele acabou colocando sua única galinha na panela.

"Eu plantei uma roça de um alqueire e pouco lavrado, da terça parte eu ia ganhar uma, mas quando chegou na colheita ele vendeu tudo e não me deu nada".

Mas seu Sebastião não desistiu, o patrão prometeu que ao completar dois anos e meio de trabalho, iria lhe dar uma casa prontinha, não iria precisar colocar um prego do seu bolso. Mas quando completou o tempo, o dono da fazenda negou a casa.

"Quando eu quis ir embora, fui cobrar meu salário, ele disse que tinha que fazer a conta na ponta do lápis. Daí cobrou o leite que eu gastava, sabão que eu fazia, lenha que eu usava e no final me sobrou onze contos, que não deu nem pra passagem".

"Eu resolvi vir pra cidade, na casa do meu irmão. Comecei a procurar emprego em tudo que era fazenda. Conversei com o Dr. Vilson, desem-

bargador, ele tem 15 milhões de terra, só terra boa, ele aceitou um acordo de cinco meses".

"Mas é muito difícil se manter o 1º ano sozinho, eu pedi ajuda, mas o dono do terreno não quis ajudar. Eu tive que deixar tudo lá, terra plantada, fiz um açude com pá. Mas faltou o "Borô" (dinheiro), não podia ficar lá, minha família ia morrer de fome. O dono ficou com a plantação, como desconto da minha conta".

"Resolvi vir pra esse lugar, aqui em Coqueiros, montei minha casa, comprei minhas duas vacas e agora querem me tirar daqui, porque essa granfinagem não quer os barracos na frente da casa deles. Pra onde eu levo a minha família agora?"

Suborno paga conta de jantar

O que você faria se recebesse de uma pessoa, um envelope contendo 10 mil cruzados, sabendo que este dinheiro estava sendo utilizado para suborná-la? Gastaria? Rasgaria? Devolveria? Se quiser uma sugestão, a Associação de Clubes da Primeira Divisão pode lhe dar. É isso mesmo. Essa entidade, ao saber da tentativa de suborno que o árbitro Antônio Rogério Osório, sofrera do funcionário do Brusque, Nilo Debrassi, se reuniu para debater o assunto. Após discutir o caso, foi realizado um jantar de confraternização, onde a conta foi paga com os 10 mil cruzados do suposto suborno.

O jogo realizado na cidade de Brusque, entre o time da casa e o Avaf, válido pela última rodada do retorno da Taça Salim Mussi Miguel, teve um fato lamentável: tentativa de

suborno. O resultado do jogo interessava diretamente ao Brusque, que lutava com o Figueirense, por uma vaga no Hexagonal Final do campeonato catarinense.

O supervisor do Brusque foi acusado pelo árbitro da partida de tentar suborná-lo. Antônio Rogério disse que Nilo Debrassi fez a tentativa lhe chamando na entrada do estádio. Não houve acordo e o dirigente do Brusque deixou no vestiário, um pacote de toalhas contendo um envelope com 10 mil cruzados.

Após o jogo, o dinheiro foi entregue ao presidente da FCF (Federação Catarinense de Futebol), Delfim de Pádua Peixoto. Curiosamente, só 18 dias mais tarde é que a FCF levou o assunto a público. Segundo Delfim, "a Federação não divulgou anteriormente o caso porque julgou-se mais adequado aguardar a volta de Ciro

Roza". O presidente do Brusque estava no Mato Grosso, e só retornou no dia 17 de maio.

No dia seguinte, a Associação de Clubes se reuniu e decidiu sugerir ao Brusque o afastamento do dirigente Nilo Debrassi do cargo de supervisor, caso se confirme a tentativa de suborno. Este funcionário já esteve envolvido em episódio semelhante, anos atrás, em Tubarão.

Entretanto, Nilo Debrassi continua trabalhando normalmente no Brusque, contrariando a sugestão da Associação de Clubes que decidiu encerrar o caso com o seu afastamento do futebol. Segundo Debrassi, "estranho não é o árbitro acusar de suborno, mas sim falar que isso teria ocorrido dois dias depois, e não anotar nada na súmula". Debrassi resolveu, então, convocar uma nova reunião da Associação de clubes para apurar a verdade

dos fatos. "Cometeram uma grande injustiça contra mim e eu vou reverter esta situação", desabafou o dirigente".

ORIGENS

A demora da Federação de levar o caso a público - 18 dias mais tarde - dificultou a ação do Figueirense de parar o campeonato, por se sentir prejudicado. No dia 20 de maio, a direção do clube da capital entrou com dois requerimentos junto à FCF, como providência de ordem cautelar. Um foi destinado ao TJD (Tribunal de Justiça Desportiva) solicitando que seja esclarecido o caso e que o Brusque seja excluído, dando ao Figueirense, como terceiro interessado no processo, o direito de participar do Hexagonal Final.

A tentativa do Figueirense foi em vão. Segundo Delfim, "o clube

da capital tem todo direito de saber a verdade do caso, mas não tirar a vaga de ninguém". Além disso, o Brusque alega que a atitude de tentar subornar o juiz partiu de um funcionário e não de um diretor". Baseado nestes fundamentos, o Figueirense sofreu várias derrotas nos tribunais, e o campeonato segue com a participação do Brusque.

O julgamento de Nilo Debrassi terá sua primeira sessão nos próximos dias. Mais uma vez o futebol catarinense está envolvido nos tribunais. Parece que esta voltando às suas origens.

Rafael Masseli

A geração que disse não

Ao imobilismo, a todas as formas de poder

Os muros de Berkeley deram o recado ao mundo: "Não se pode confiar em ninguém com mais de trinta anos". O governo da Bélgica fechava a maior universidade católica do mundo. O dia 22 de março era o marco de que a revolta estudantil se iniciara na França com a invasão da Universidade de Nanterre.

O auge dessa revolução foi maio de 68. No dia seis, em Paris, dez mil estudantes protestaram contra o fechamento da Sorbonne. E no seguinte, já eram vinte mil em choque com a polícia. Dez milhões de trabalhadores franceses cruzaram seus braços em solidariedade a eles.

Por todo os Estados Unidos, Europa (inclusive a Tchecoslováquia), Brasil e demais países da América Latina, estudantes saíam às ruas em passeatas de protesto, invadiam reitorias, quebravam mesas, e, até mesmo, caíam no pau com professores.

A revolução de 68 foi um dos mais importantes acontecimentos contemporâneos. Estudantes de classe média e alta, na maioria, estavam desgostosos com o ensino arcaico; professores autoritários; dogmas não questionados. A sociedade industrial - levava alguns ao aburguesamento e consu-

mismo - provocava a miséria de uma grande maioria desencadeando violência e guerra. Suas famílias burguesas e moralistas se tornavam frustrados (Freud talvez diria que eles agiam sob a influência do instinto de morte - destruir para destruir-se), e esse sentimento de frustração os inclinava à violência.

Na verdade esses estudantes estavam influenciados pelo movimento hippie que já tinha ganhado o mundo. Se nem todos os jovens dessa época eram hippies; pelo menos viviam de alguma forma o "hippie-way-of-life". Acreditavam no "faça amor, não faça guerra" e fumavam seus baseados escutando o som de seus ídolos: Beatles, Rolling Stones, Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Bob Dylan, Joan Baez, Raul Seixas, Os Baianos, os Mutantes.

Os jovens dos anos sessenta eram o oposto da turma dos cinquenta - que buscavam o prazer pelo consumo desenfreado. Os jovens dos sessenta foram educados na sociedade do "ter", onde o "ser" significava pouco. Por isso que alguns tornaram-se hippies e buscaram uma forma alternativa de viver. Fundaram comunidades e manifestavam seu repúdio contra a guerra - garotos norte-americanos juraram não servir no Vietnã, outros queimavam suas cédulas de convocação e fugiam para o Canadá.

Com roupas exóticas, os hippies, mostraram o "power-flower". A maneira de se vestirem era sua linguagem. Apenas sua presença já mostrava que não estavam de acordo com o mundo. Sentados indiferentes pelas



FOTO: LIFE

Até vir o pacifismo, muita pedra rolou

ruas, às vezes pediam uma mordida do sanduíche de quem passava, outras davam um beijo, um abraço. O slogan era: "Beije, não mate". Havia outros: "Jesus era um beatnik", "Deus está morto".

Eles dançavam de maneira estranha ("Hair", a peça estreou, na Broadway em 30 de abril de 68), faziam os "love-in", festas com a comunidade. Buscavam a liberdade total, inclusive do prazer amoroso, do prazer do corpo. Xô à repressão, que era coisa dos pais preocupados com o produzir-

consumir, na verdade, uma sublimação do prazer, segundo a psicanálise freudiana.

A revolução sexual, iniciada pelas feministas que queimaram seus sutiãs em praça pública, pelos casais nus em Woodstock, e a pílula anticoncepcional, atingia seu auge. O casamento estava falido, era careta também. Legal, era ninguém ser de ninguém, transar com quem estivesse a fim. E isso continuou valendo até bem pouco tempo. Com o aparecimento da Aids a liberação sexual retrocedeu. Os hippies defendiam as mino-

rias: homossexuais, negros (Martin Luther King, líder negro norte-americano, foi assassinado em quatro de abril de 68 e sua morte provocou uma onda de violência racial em todos os Estados Unidos), judeus, gritavam "amor" com tanta energia quanto outros na História gritaram "ódio".

Entre 67 e 69 o consumo do LSD (Diatilamida de Ácido Lisérgico) quadruplicou. Afinal, viajar de ácido era uma maneira de sair da real, portanto rejeitar o sistema, cair fora, em oposição ao cenário repressivo da época.

Alguns psicólogos diziam que o hippie era uma criança em busca de identidade, e que tinha medo de ser posto à prova no trabalho, na sociedade, por isso preferia viver à margem dela, não participar da História, viver apenas o momento.

Em 1988, o ex-hippies já estão com mais de trinta anos. (Será que se pode confiar neles?) Alguns acabaram sendo engolidos pelo esquema, casaram, têm filhos e são capitalistas. Outros continuam lutando de alguma forma por seus ideais e participam de movimentos de preservação da natureza, protestam contra armas e usinas nucleares, acham que o terceiro mundo tem que se libertar do imperialismo da Trilateral, e esperam a Era de Aquário. Outros decidiram se isolar do mundo, da sociedade e foram viver de uma forma alternativa.

Mas, e o sonho acabou?

Ivan Santos

A vida estancou de repente, ou foi o mundo que cresceu

Janeiro

5 Antonin Novotny é substituído na Secretaria Geral do PC da Tchecoslováquia por Alexander Dubcek.

10 O governo espanhol fecha a Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Madri para conter manifestações estudantis contrárias ao regime franquista.

15 Um comando norte-vietnamita bombardeia a base aérea norte-americana de Da Nang, no Vietnã do Sul, destruindo aviões, horas depois de os EUA anunciarem a disposição de não respeitar a trégua de 36 horas previstas para a entrada do ano novo lunar Tet.

16 Estréia no Teatro Princesa Isabel, no Rio, a peça "Roda Viva", de Chico Buarque de Hollanda, com direção de José Celso Martinez Corrêa.

17 No palco do Teatro Record, em São Paulo, Roberto Carlos apresenta o último programa "Jovem Guarda", que existia desde setembro de 1965 e vinha perdendo audiência progressivamente.

18 Portaria do ministro do Trabalho, Jarbas Passarinho, determina que nenhum sindicato de trabalhadores poderá receber empréstimo ou auxílio financeiro do exterior sem autorização especial do Ministério do Trabalho.

19 Relatório oficial norte-americano fixa em 120 mil as baixas dos EUA desde o início da Guerra do Vietnã.

20 O governo da Bélgica fecha a maior universidade católica do mundo, Louvain, após uma semana de conflitos com os estudantes.

22 A Censura Federal proíbe sessão especial do filme "Adorável Pecadora", com Marilyn Monroe e Yves

Montand, no Cine Alasca, no Rio, sob protesto da Associação Brasileira de Cinemas de Arte.

Fevereiro

1: Forças do Vietnã invadem províncias do Vietnã do Sul no delta do rio Mekong, infiltram-se em Saigon e instalam em Hué um governo revolucionário.

11 Greve de protesto contra a Censura paralisa os teatros do Rio de Janeiro.

12 Lançado nos Estados Unidos o livro "Soul on Ice" do "pantera negra" Eldridge Cleaver.

14 A Universidade de São Domingos é cercada por tropas do Exército após protestos estudantis.

15 A primeira passeata estudantil de 1968 no Rio de Janeiro, por melhores condições de ensino, reúne menos de cinquenta participantes.

17 O Vietnã inicia violenta ofensiva contra Saigon e outras 21 cidades sul-vietnamitas.

24 Tropas norte-americanas e sul-vietnamitas retomam a província de Hué, após violentos combates com as forças norte-vietnamitas.

28 Nova passeata estudantil no Rio de Janeiro reúne mais de 500 participantes.

Março

1: Israel anexa a Cisjordânia, área conquistada à Jordânia durante a "Guerra dos Seis Dias" em junho de 1967. Choques entre policiais e estudantes em Roma e outras cidades italianas. 8 Estudantes entram em choque com a polícia em Varsóvia e outras cidades da Polônia. 14 O vice-ministro da Defesa da

Tchecoslováquia suicida-se em Praga. 18 A primeira bomba do ano explode no prédio do consulado dos EUA em São Paulo.

21 Alunos da Faculdade de Filosofia da USP e da Fundação Getúlio Vargas (SP), em greve por mais vagas nas escolas, invadem a sala da Congregação da USP, quebram mesas e trocam socos com professores.

22 Invasão da Universidade de Nanterre, na periferia de Paris, marca o início da revolta estudantil na França.

24 O Conselho de Segurança da ONU condena os ataques de Israel à Jordânia.

28 No choque entre estudantes e a PM carioca durante protesto contra o fechamento do restaurante universitário do Calabouço, no Rio, é baleado e morto o estudante secundarista Edson Lufs de Lima Souto, de 16 anos.

30 Em protesto contra a morte de Edson Lufs, ocorrem manifestações estudantis em vários Estados, as mais violentas, com enfrentamento e choques violentos em São Paulo, Rio, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre.

A Assembléia Nacional tcheca elege o general Ludvik Svoboda para a Presidência.

Abril

1: Durante todo o dia, são registrados vários choques entre estudantes e policiais no Rio de Janeiro. Às 20h, o comando da PM pede ajuda de tropas federais, alegando ao governador Negão de Lima que não detém mais o controle sobre a cidade. 4 O líder negro Martin Luther King Jr. é assassinado com um tiro no pescoço em Memphis, no Estado do Tennessee. A violência racial explode em várias cidades dos EUA.

Morre em São Paulo, aos 76 anos, o empresário Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, ou Assis Chateaubriand, proprietário dos "Diários Associados", um império de comunicações que reunia 32 jornais, 18 estações de TV, 24 estações de rádio, quatro revistas e uma agência de notícias.

5 Conflitos raciais em Washington, Nova York, Boston e Flórida.

No Brasil, o ministro da Justiça, Luiz Antônio da Gama e Silva, baixa a portaria 177, proibindo, sob pena de prisão, qualquer manifestação da Frente Ampla sob a forma de comícios, reuniões e passeatas.

Choques entre manifestantes e policiais na saída da missa pela morte de Edson Lufs, no Rio.

Três mil estudantes e operários realizam passeatas de protesto contra a proscricção da Frente Ampla em Santo André, no ABC paulista.

7 Baltimore é ocupada por tropas federais após conflitos raciais.

8 O novo primeiro-ministro da Tchecoslováquia, Oldrick Cermik, anuncia a formação de seu gabinete.

9 Chega a 37 o número de mortos em conflitos raciais nos EUA desde a morte de Luther King, com 1.500 feridos, 10 mil prisões e 62 cidades em estado de emergência em dez Estados.

O Ministério de Justiça libera para maiores de 21 anos a peça "Cordélia Brasil", de Antônio Bivar, depois de cortar 6 dos 43 parágrafos do texto e suprimir uma cena (em que uma prostituta lê uma bula de barbitúrico).

14 O primeiro-ministro francês, Georges Pompidou, anuncia que os presos políticos serão anistiados.

A polícia alemã dissolve passeata de 4 mil estudantes em Berlim Ocidental.

23 Estudantes ocupam a Universidade de Columbia, em Nova York.

29 A Universidade Federal de Minas Gerais é fechada. A Polícia Militar invade o campus da Universidade de Brasília (UnB), espanta estudantes. Congressistas protestam.

30 Estréia na Broadway o musical "Hair".

Mai

1: CGT e estudantes enfrentam-se nas ruas de Paris durante passeata do Dia do Trabalho.

3 Governo francês fecha a Sorbonne.

6 Em Paris, dez mil estudantes protestam nas ruas contra o fechamento da Sorbonne; nos choques com policiais, mais de cem pessoas ficam feridas.

7 Estudantes realizam comícios relâmpago em várias áreas do centro do Rio de Janeiro, enquanto a PM ocupa a Cinelândia.

Em Paris, vinte mil manifestantes entram em choque com a polícia durante cerca de cinco horas; sete policiais são feridos e o prédio do jornal "Le Figaro" é apedrejado.

8 Dez mil estudantes iniciam a "reconquista pacífica" da Sorbonne.

9 O ministro da Educação da França, Alan Peyrefitte, anuncia que a Sorbonne permanecerá fechada.

10 "Noite das Barricadas": vinte mil estudantes enfrentam a polícia em manifestações em Paris, 367 são feridos e 468 são presos.

11 O presidente Charles De Gaulle anuncia a reabertura da Sorbonne.

Em 68, estudantes eram vanguarda

E foram presos, mortos. Mas veio a desunião

Um dos maiores instrumentos de lutas políticas e reivindicatórias no período de forte repressão do país, foi o movimento estudantil. A União Nacional dos Estudantes, criada em 1937, abraçou as questões específicas de ensino, além da defesa da democracia e dos direitos humanos, com motivações políticas explícitas lutando contra a ditadura.

A verdade é que as elites conservadoras empenhadas na agitação de um golpe de Estado, não vacilaram em apontar a UNE como uma das sete cabeças do "dragão comunista" no país. Em abril de 64, a repressão foi suficiente para paralisar por algum tempo a luta dos estudantes. Em 1968 o mundo experimenta uma avalanche de manifestações estudantis que atingiu cidades distantes quanto Paris, México ou Praga. No Brasil, o movimento retoma impulso e toma a vanguarda nas mobilizações de protesto e manifestações de descontentamento social frente ao governo.

Já em 65 os estudantes conseguiram através de um plebiscito repudiar energicamente um decreto baixado pelo ministro da Educação, Flávio Suplicy de Lacerda, tentando extinguir a UNE e substituí-la por um Diretório Nacional de Estudantes, atrelado às autoridades do regime. Em 9 de novembro de 65, Castelo Branco institucionalizou a Lei Suplicy Lacerda, visando acabar com a participação política dos estudantes, destruir a autonomia

e representatividade do movimento de formando as entidades estudantis e transformando-se em meros apêndices do Ministério da Educação.

No entanto, os estudantes se organizaram e fizeram ressurgir novas chamadas de rebeldia conseguindo revogar a lei. Suplicy de Lacerda declara: "o que aconteceu em alguns casos isolados foi a vitória de minorias ativistas democratas".

INTERVENÇÃO AMERICANA

Apesar da ideologia americana já estar embrionária em 1947, "o que não se mantinha pelas armas manteria-se pela persuasão e pela ideologia resultante da educação", parece se consolidar com os acordos feitos entre MEC e USAID, que vai policiar as universidades do Brasil. Em parte, esses acordos resultaram do golpe militar de 64 que assumiu responsabilidade direta, teórica e prática do sistema educacional brasileiro, dispondo de um país cobaia para seus experimentos.

Em caráter sigiloso foram assinados os acordos que institucionalizaram a intervenção norte-americana no ensino brasileiro. O mais famoso deles foi o anteprojeto de "Concentração da política norte-americana na América Latina na organização universitária e sua integração econômica", recomendando como deveria se processar a interferência: "desenvolver uma filosofia educacional para o continente (...), a transformação da universidade estatal numa fundação privada (...), eliminação da interferência estudantil na administração, tanto colegial como gremial (...), colocação do ensino superior em bases rentáveis, cobrando matrículas crescentes durante

um período de 10 anos..." ■ por aí vai ...

Nas passeatas, as reivindicações específicas da área de ensino, como a defesa da UNE, do ensino gratuito, da autonomia universitária, da não vinculação da Universidade a órgãos norte-americanos, se misturaram com denúncias políticas de ordem geral. O movimento funcionou como um porta-voz do descontentamento da sociedade frente ao regime militar.

MORTE PARA ESTUDANTES

Enquanto escolas se agitavam com o problema das verbas, em algumas manifestações localizadas da repressão, no início um fato no Rio viria mudar qualitativamente o caráter das mobilizações e do próprio movimento estudantil, com grandes repressões na vida política brasileira. No dia 28 de março de 68, foi morto no Rio, o estudante secundarista Edson Luís Lima Souto, de 16 anos, pela polícia, que reprimiu com violência uma manifestação pacífica em defesa do restaurante universitário "Cala-bouço", em vias de ser fechado. O corpo de Edson foi carregado pelos colegas até a Assembleia Legislativa, na Cinelândia, e todas as tentativas da polícia e das autoridades para tomá-lo dos estudantes foram inúteis.

Em todo o país o movimento estudantil lutava. Durante uma semana os estudantes ganharam as ruas e foram violentamente reprimidos. Em Goiás, a polícia abriu fogo contra os estudantes que se protegiam na catedral de Goiânia, ferindo três. Grandes passeatas em Belo Horizonte, São Paulo e no Nordeste, com muitas prisões e feridos. Em junho o ambiente subiria

na temperatura, tendo o Rio como centro nervoso.

DISSOLUÇÃO DA UNE

Os incidentes da "sexta-feira sangrenta" de protesto em todo o país, foram marcados por choques, com repressão policial se repetindo em todos os Estados. No dia 25 de junho, no Rio, uma passeata reuniu cem mil pessoas, que protestavam contra o brutal assassinato de Edson Luís e repudiar a política econômica imposta desde 64 e as inúmeras medidas restritivas da liberdade de manifestação. A situação se agravava marcando que se esgotavam as possibilidades de conquistar a democracia por meios pacíficos. Esta argumentação começa a tomar força. Grupos se lançaram na luta armada que recrutou seus militantes especialmente no meio universitário. A UNE chegou a um ponto crítico, no período anterior ao congresso de 68, com várias organizações e tendências dentro do movimento estudantil somando cerca de 43 grupos ou organizações diferentes.

DISSOLUÇÃO

Novas diferenças iriam aparecer nas discussões sobre a forma de se realizar o trigésimo congresso da UNE. No dia 11 de outubro em Ibiúna, São Paulo, onde estavam reunidos 700 estudantes, o congresso foi aberto faltando ainda muita gente, inclusive Luiz Travassos, presidente da UNE. Quase 800 estudantes foram detidos e levados numa longa viagem de volta à São Paulo em ônibus fretado pela repressão para o Presídio Tiradentes.

Mas o erro político de se tentar realizar clandestinamente um congresso de entidades e massa, quando havia ainda condições concretas de fazê-lo

num local como a CRUSP é apenas um dos aspectos da questão. Apesar disso, o movimento estudantil ainda teve ânimo e força para se recompor: um conselho da UNE foi realizado em São Paulo em novembro, optando pela realização de reuniões estudantis para cumprir a eleição da nova diretoria.

Com a publicação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968, a radicalização do quadro político se acelera. A ditadura se impõe. De 1969 em diante, se registra desarticulação e uma nítida regressão nas manifestações estudantis, em benefício do crescimento das ações clandestinas e das operações armadas. O movimento estudantil só vai sair desse torpor que viveu no período Médio depois de 74.

No rastro desses anos de repressão, muitos estudantes foram presos, torturados e mortos pelos órgãos de repressão. Um deles, Honestino Monteiro Guimarães, último presidente da UNE, antes de sua desarticulação em 76, foi preso e continua desaparecido.

Vladimir Palmeira, presidente da extinta União Metropolitana dos Estudantes, preso durante 46 dias, no Rio, em 1968, considera o movimento estudantil incapaz de derrubar o poder. "O movimento estudantil vai estudando e vai vendo que os grandes problemas da Universidade estão ligados à estrutura social. Então sabe que a Universidade pela qual luta - gratuita, pública, livre, democrática - só pode ser conseguida em outro sistema".

Marilaine Sulzbach

A gente quer ter voz ativa e no nosso destino mandar

A CGT francesa, que reúne cerca de 10 milhões de trabalhadores, anuncia greve geral de 24 horas em solidariedade aos estudantes.

12 Em Curitiba (PR), choque de cinco horas entre 500 universitários e cerca de 1.300 soldados da PM paranaense.

13 No décimo aniversário da volta de De Gaulle ao poder, meio milhão de trabalhadores e estudantes franceses desfilam pelas ruas de Paris, durante nove horas, cantando "A Internacional" e agitando bandeiras da guerrilha vietcong.

Estudantes franceses ocupam todas as universidades. Greve geral de 24 horas.

14 Dois mil estudantes invadem e depredam a reitoria na Universidade Federal do Paraná, em Curitiba.

Estudantes interrompem uma apresentação no Teatro Nacional da Ódeon, em Paris, dirigido pelo ator Jean Louis Barrault, e declaram-no "fechado ao público burguês".

15 Em São Paulo, estudantes da USP invadem e ocupam o Bloco C, inacabado, do Conjunto Residencial da Universidade, CRUSP. Em Nantes, dois mil operários da Sud Aviation, estatal, ocupam a fábrica e mantêm presos seus diretores.

Três milhões de trabalhadores entram em greve no Reino Unido. 16 O governo espanhol fecha a Faculdade de Filosofia e Letras de Madri, após manifestações estudantis.

17.500 operários entram em greve nas fábricas francesas da Renault em Le Mans, Flins, Creon e Havre, ocupando as unidades e mantendo presos seus diretores. Centenas de estudantes dei-

xam a Sorbonne em direção a Billancourt, subúrbio parisiense, para prestar solidariedade aos operários grevistas da Renault.

Greve-surpresa deixa Paris sem jornais.

17 Greves afetam a operação do Aeroporto de Orly e da Rádio e Televisão da França. 60 mil policiais fortemente armados vigiam as ruas de Paris.

18 Já são 50 as fábricas ocupadas por grevistas em toda a França.

Um grupo de diretores, atores, técnicos e produtores de cinema invade a sala de projeção do Festival de Cannes, obrigando a direção a suspender a mostra e transformá-la em local de comércio permanente de apoio ao movimento estudantil e operário. O cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard lidera o protesto, subindo na cortina que protege a tela para impedir que seja aberta, e é esmurrado por espectadores contrários à suspensão da mostra. Os cineastas Louis Malle, François Truffaut, Roman Polanski, Alain Resnais e Milos Forman retiram seus filmes da competição oficial.

Violentos choques entre estudantes de esquerda e direita na Universidade de Frankfurt, Alemanha Ocidental.

Em Berkeley, Califórnia, 866 universitários prestam juramento solene de não servir o Exército dos EUA enquanto durar a Guerra do Vietnã.

20 Paris amanhece sem serviços de metrô, ônibus, táxis, telefones, correios, pão e jornais.

Há racionamento de gasolina e de gêneros de primeira necessidade.

Seis milhões de trabalhadores ocupam 300 fábricas em toda a França. Os estudantes ocupam,

além do Teatro Odeon, a Ópera de Paris e a Ópera Cômica.

22 Aprovada no Brasil a lei que permite o enquadramento de menores de 18 anos na Lei de Segurança Nacional.

Já são 8 milhões os trabalhadores em greve em toda a França. As três maiores centrais sindicais francesas - CGT, comunista, CFDT, cristã, e FO, socialista - propõem imediata abertura de negociações com o governo.

O líder estudantil Daniel Cohn-Bendit, de nacionalidade alemã, é impedido de retornar à França após uma curta viagem à Bélgica e Holanda.

Em Nova York, choques entre policiais e estudantes que tentam reocupar a Universidade de Colúmbia deixam saldo de 60 feridos. 23 No Quartier Latin, em Paris, seis mil estudantes entram em choque com a polícia.

24 Intensa luta entre policiais e estudantes no Quartier Latin. A polícia dispersa manifestação de 20 mil pessoas na praça da Bastilha. Estudantes e operários (estes desobedecendo determinação da CGT), espalham-se pela cidade. Um grupo estimado em sete mil manifestantes invade e incendeia a Bolsa de Valores de Paris. Como saldo, dois mortos e mil feridos.

25 O primeiro-ministro Georges Pompidou inicia negociações com as centrais sindicais francesas. Já são mais de dez milhões os trabalhadores em greve em todo o país. 28 Daniel Cohn-Bendit entra clandestinamente na França e reaparece discursando em Sorbonne.

O ministro da Educação da França, Alan Peyrefitte, renuncia ao cargo, que passa a ser acumulado pelo primeiro-ministro Georges Pompidou.

29 O cineasta franco-suíço Jean-Luc Godard filma as barricadas no Quartier Latin, em Paris, após a interrupção do Festival de Cannes de 1968; à noite participa com Louis Aragon e Elsa Triolet da passeata de trabalhadores organizada pela CCG pelas ruas de Paris.

Enquanto o presidente Charles De Gaulle reúne-se com seu gabinete sob a ameaça de renunciar, uma manifestação convocada pela CGT reúne 200 mil pessoas pelas ruas de Paris, entre estudantes, trabalhadores, intelectuais e 73 deputados comunistas. Durante horas os manifestantes dão "adeus" a De Gaulle.

30 De Gaulle dissolve o Parlamento francês com o apoio do Exército e convoca eleições gerais. 31 Centenas de milhares de trabalhadores começam a retornar ao trabalho.

Depois de ocupar a Cidade Universitária de Roma, milhares de estudantes italianos marcham até o Palácio Parnese, sede da apresentação diplomática da França, em solidariedade aos estudantes franceses. À noite, erguem barricadas, viram e encendeiam carros.

Polícia espanhola reprime violentamente estudantes e operários que tentavam ocupar a Universidade de Madri.

Junho

1: Ferroviários e servidores públicos voltam ao trabalho na França. Mantêm-se em greve os setores metalúrgicos, siderúrgico, de mineração e indústria automobilística.

4 Estudantes entram em greve geral no Rio e em Florianópolis (SC).

Em Nova York, o artista plástico Andy Warhol, uma das mais importantes estrelas da arte pop, é baleado pela atriz Valerie Solanis, que trabalhou em vários de seus filmes.

O governo brasileiro classifica como "áreas de segurança nacional" 68 municípios que deixaram de ter eleições diretas para prefeitura.

5 Candidato à Presidência dos EUA pelo Partido Democrata, o senador Robert Kennedy é baleado durante uma festa do Hotel Ambassador, em Los Angeles, onde comemorava a vitória nas eleições primárias de Dakota do Sul e Califórnia. Morre 25 horas depois.

11 Polícia francesa tenta retomar a Sorbonne. Os estudantes mantêm ocupação em sete outras escolas. 12 Estudantes alemães entram em greve. Ocorrem enfrentamentos entre policiais e estudantes na Argentina, Uruguai e Colômbia.

O governo francês dissolve 11 organizações estudantis e proíbe manifestações de rua durante a campanha eleitoral.

Estudantes decretam greve geral na Argentina.

16 Polícia retoma a Sorbonne, na França.

18 Manifestações estudantis no México, Chile, Turquia, Venezuela, Equador e Espanha.

19 A "Marcha dos Pobres" sobre Washington reúne cem mil pessoas, lideradas pela viúva de Martin Luther King, Coretta.

24 A polícia de Washington fecha a "Cidade da Resurreição", acampamento organizado pelos líderes da "Marcha dos Pobres"; o prefeito da cidade é o jovem reverendo Jesse Jackson, de 26 anos.

26 A "Passeata dos Cem Mil" reúne milhares de pessoas nas ruas centrais do Rio de Janeiro.

Homem pisou na Lua. E daí?



Monge budista se imola contra a guerra



Os efeitos do napalm contra civis vietnamitas

Fumar maconha? Há muito tempo isso deixou de ser um forte símbolo de contestação. Fazer viagens com LSD já saiu de moda; a onda agora é cheirar cocaína. Amor livre? É visto com temor, depois que pintou a AIDS. Com isso, o hábito da monogamia deixou de ser careta, transformando-se em um inteligente recurso de sobrevivência. Sim, estamos nos anos 80, vinte anos depois daquela década de reviravoltas.

Os jeans, as flores e os cabelos compridos foram perfeitamente assimilados pela indústria cultural, mastigados, transformados e retransformados. E tudo isso rendeu muita grana. Por que comprar um jeans novo e esperar que ele desbote, se as roupas stone-washed já estão prontinhas na vitrina?

Os poucos remanescentes hippies são hoje considerados por muita gente como vagabundos que usam esse bom pretexto para assumir o fato de não fazerem nada. Aliás, boa parte dos antigos hippies já descobriu outros caminhos de "mudar o mundo": começando por juntar o próprio pé-de-meia. Artesanato virou produção em série, imprensa alternativa virou empresa, pé na estrada criou bolhas e resolveu subir em quatro rodas (de preferência

uma camioneta F-1000, com cabine dupla, ar condicionado e toca-fitas). Viver sem lenço e sem documento não dá mais status como antes - nem mesmo entre os próprios jovens.

Mil novas tribos foram surgindo pelo caminho. Punks, darks, skin-heads, yuppies, neo-pós-porra-nenhuma... No meio disso tudo, um fenômeno curioso: a nostalgia (às vezes cuidadosamente escondida) dos jovens dos anos 80 por uma época na qual não viveram. Nostalgia estranha esta, uma mistura de admiração com negação ao psicodelismo, à geração paz & amor.

"O passado não existe, nosso presente é sem perspectivas, o futuro... não sei se vamos chegar lá". A frase, dita por um jovem de 20 anos, dá no que pensar. Talvez ajude a sintetizar a crise de uma geração que viu o idealismo de seu país ser vencido pelo sistema. Hoje, como há 20 anos, o perigo nuclear ainda é constante, as guerras e a fome continuam matando às pencas. O homem já pisou na lua mas "e daí?, grande merda!"

Lógico, houve avanços. A organização dos movimentos sociais tomou bastante impulso. Luther King foi morto e virou feriado, mulheres causaram indignação e risos ao

queimarem sutiãs em praças públicas, o pacifismo ingênuo evoluiu para formas de lutas mais elaboradas. O próprio movimento hippie originou modos alternativos de conviver com a sociedade existente sem precisar renegá-la, e ao mesmo tempo, escapando do mero consumismo robotizado.

Até hoje ainda há gente tentando interpretar com exatidão o que John Lennon quis dizer com sua famosa frase "the dream is over" (o sonho acabou), proferida na época em que os Beatles se separaram. Entre as traduções livres, há: "Xii, queimou o ovo!", "Dormi de mau jeito", "Ah, vira o disco..." e "Pô, gente, assim de cabelo grande nós vamos deixar os barbeiros desempregados". Pois é, que dia é hoje mesmo? Como disse John Cage, "é simplesmente irritante pensar que poderíamos estar em qualquer outro lugar. Estamos aqui, agora". Nostalgias ou futurismos à parte, seria bom começar a perceber isso e passar a desligar o videogame com mais frequência. Quem sabe, talvez os jovens dos anos 90 olhem pra década de 80 com uma pontinha de inveja...

Dauro Veras

"Mas eis, chega a Roda Viva e carrega o destino pra lá"

Julho

- 1: Operação de "guerra" em São Paulo: Dops, SNI e PF caçam o líder terrorista Carlos Marighella.
- 2 O presidente Costa e Silva assina decreto de constituição da comissão de estudos para a reforma universitária no Brasil.
- 5 O governo Costa e Silva proíbe passeatas em todo o território nacional.
- 23 A URSS anuncia manobras militares na fronteira com a Tchecoslováquia.

Agosto

- 2 O presidente da proscrita União Metropolitana dos Estudantes (UMES) da Guanabara, Vladimir Palmeira, é preso.
- 6 Exército ocupa as ruas do Rio de Janeiro e frustra uma passeata estudantil em protesto contra a prisão de Palmeira.
- 18 Tropas do Vietnã do Norte realizam violento ataque contra três das quatro zonas militares do Vietnã do Sul.
- 20 Fim da "Primavera de Praga": a Tchecoslováquia é invadida por tropas da URSS, Alemanha Ocidental, Polônia, Hungria e Bulgária.
- 23 A URSS obstrui pelo veto, na ONU, a votação da resolução que condenaria a invasão da Tchecoslováquia.
- 24 A França explode no Pacífico sua primeira bomba de hidrogênio.
- 28 Hubert H. Humphrey é indicado

do pelo Partido Democrata como candidato à Presidência dos EUA.

- 29 Polícia militar ocupa a Universidade de Brasília (UnB).

Setembro

- 3 Na sessão "pinga-fogo" da Câmara dos Deputados, em Brasília, o deputado federal Márcio Moreira Alves (MDB da Guanabara) afirma que as Forças Armadas estão se transformando em "vacalhoto de torturadores" e conchama a população a não comparecer às paradas militares de 7 de Setembro. Imediatamente transmitido às chefias das Forças Armadas, o discurso seria o estopim da crise que culminou na edição do Ato Institucional nº 5, em dezembro.

11 As tropas do Pacto de Varsóvia iniciam a retirada de Praga, após negociações mantidas em Moscou pelo novo premiê tcheco, Oldřich Černík.

12 A Assembléia Nacional da Tchecoslováquia restabelece, por 275 votos contra 2, a censura e outras medidas restritivas.

18 O Exército mexicano ocupa a Universidade Nacional após sete semanas de agitações estudantis.

26 Marcelo Caetano é o novo primeiro-ministro de Portugal, em substituição a António de Oliveira Salazar.

Outubro

- 3 Choque entre estudantes de es-

querda, entrincheirados na Faculdade de Filosofia da USP, e de direita, da Universidade Mackenzie, em São Paulo. Morre o estudante José Guimarães com um tiro.

6 Passeatas de protesto no Rio e em São Paulo pela morte de José Guimarães. Sete baleados no Rio e um em São Paulo.

9 O prêmio Nobel da Paz é concedido ao jurista francês René Cassin, principal autor da Declaração dos Direitos do Homem, de 1948.

10 Por 441 votos a zero, a Assembléia Nacional francesa aprova drásticas reformas no sistema educacional do país.

12 A PM paulista prende 1.240 estudantes durante o clandestino 30º Congresso da UNE, em Ibiúna (SP).

31 Forças norte-vietnamitas bombardeiam Saigon.

O presidente Lyndon Johnson determina a suspensão dos bombardeios aéreos, navais e de artilharia sobre o Vietnã do Norte.

Novembro

4 O Supremo Tribunal Federal pede licença à Câmara para processar o deputado Márcio Moreira Alves por ofensa às Forças Armadas como consequência do discurso proferido a 3 de setembro.

5 O republicano Richard Nixon é eleito 37º presidente dos EUA. Os democratas mantêm maioria no Senado e na Câmara.

6 Em Bratislava, na Tchecoslováquia, milhares de estudantes participam de manifestação de protesto

queimando bandeiras soviéticas nas ruas.

21 O governo federal cria o Conselho Superior de Cultura.

O presidente Costa e Silva sanciona nova Lei de Censura para filmes e peças teatrais.

22 Chega às lojas nos EUA o "Álbun Branco" dos Beatles.

28 A Arena substitui nove de seus representantes na Comissão de Justiça da Câmara, contrários à licença para processar Márcio Moreira Alves, para garantir a aprovação do pedido do Supremo Tribunal Federal.

Dezembro

11 A Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados aprova o pedido de licença para o processo contra Márcio M. Alves, por 19 votos a 12.

12 Por 216 votos contra 141 e doze abstenções, o Congresso Nacional nega o pedido de licença, formulado pelo Supremo Tribunal Federal, a pedido da Presidência da República, para processar o deputado Márcio Alves.

13 Costa e Silva assina o Ato Institucional nº 5 (AI-5) e Ato Complementar nº 38, colocando o Congresso em recesso por tempo indeterminado. São presas em todo o país pessoas ligadas à oposição. Outras, como o deputado Márcio M. Alves, buscam asilo em embaixadas e posteriormente partem para o exílio.

Em cadeia nacional de rádio

e televisão, às 20h30min, o ministro da Justiça, Luiz Antônio da Gama e Silva, anuncia a resposta do governo à sessão do Congresso Nacional do dia anterior: passa a vigorar por tempo indeterminado o AI-5, que possibilita ao governo, entre outras medidas, decretar o recesso parlamentar, intervir nos Estados sem as limitações previstas na constituição, cassar mandatos e suspender direitos políticos.

30 O governo brasileiro divulga a primeira lista de cassações com base no AI-5, encabeçada por Márcio Moreira Alves, Renato Archer e Hermano Alves. Carlos Lacerda teve seus direitos políticos suspensos.

31 Em cadeia nacional de rádio e TV, o presidente Costa e Silva afirma que o AI-5 era a única solução para combater a "ansiada restauração da aliança entre corrupção e subversão".

Mudar, depende de nós

Uma análise dos avanços e retrocessos

Vamos enterrar 68? Essa surpreendente pergunta na capa da revista francesa "Globe" não é apenas a lembrança de que 20 anos se passaram. Na esteira das comemorações da mídia, dos programas de dois minutos analisando, em profundidade, um movimento mundial, surgia uma centelha de crítica. Lá dentro, como todos os analistas bem comportados, "Globe" limitava-se a separar o trigo do joio, e a ensinar o que se devia reter o que enterrar, de uma década tão emocionante.

O que os jornalistas não chegaram a perceber é exatamente que 68 só tem vida na medida em que é criticado e todos os seus mitos são passados no liquidificador. Quando se começa a usar medalhas no peito e se desfilar nas paradas cívicas então é porque, realmente somos todos candidatos à múmia.

Nesse processo mundial de exumação de 68, há críticas fundamentais não apenas ao que aconteceu, mas à maneira como a década foi representada pelo os que viveram mais profundamente. Nada mais indefensável, por exemplo, do que essa teoria do big-bang da história, um momento em que "tudo começou", momento que continua lançando sua luz ao longo das décadas, como uma estrela morta.

Pessoalmente, temo ter contribuído para esse mito. Costumava contar, em minhas conferências, a história de um jovem negro que desertou na guerra do Vietnã e vivia em Estocolmo. Nas noites geladas de inverno, olhando para a imensidão branca, ele que nasceu em Nova York e sobreviveu a várias emboscadas no Vietnã, dizia:

— Isto aqui está muito calmo. Muito calmo.

Comparando com os anos que viriam depois, o de 68 foi, realmente, carregado de acontecimentos, na Europa e na América, nos países capitalistas e no socialismo real. Mas a insistência nessa tecla pode estimular um tipo de nostalgia defensiva, algo que o sociólogo Fred Davis chamou de ponte sobre identidades cambiantes.

E que o mundo muda, a pessoa muda, e no domínio da fantasia, a saudade serve para fixar algo no permanente fluxo de mutação. Desamparados nos anos 80, muitos se voltam para trás em busca de tempos que não podem mais ser vividos. A celebração do passado torna-se oposição ao presente e, nesse sentido, a nostalgia pode desempenhar um papel conservador. Num belo artigo intitulado "Os Usos da Nostalgia", Todd Gitlin sintetizou bem claramente o que é necessário no momento. Segundo ele, não precisamos das colagens da mídia, os inevitáveis programas do gênero 68 foi assim. Nem precisamos de uma nostalgia pura. O que se precisa é o "retorno do historicamente reprimido".

É um conceito superelástico que se tomou emprestado da psicanálise mas não deve ser descartado. Gitlin não teve tempo de devolvê-lo nem de explicar com clareza o que é que foi reprimido historicamente e por quem.

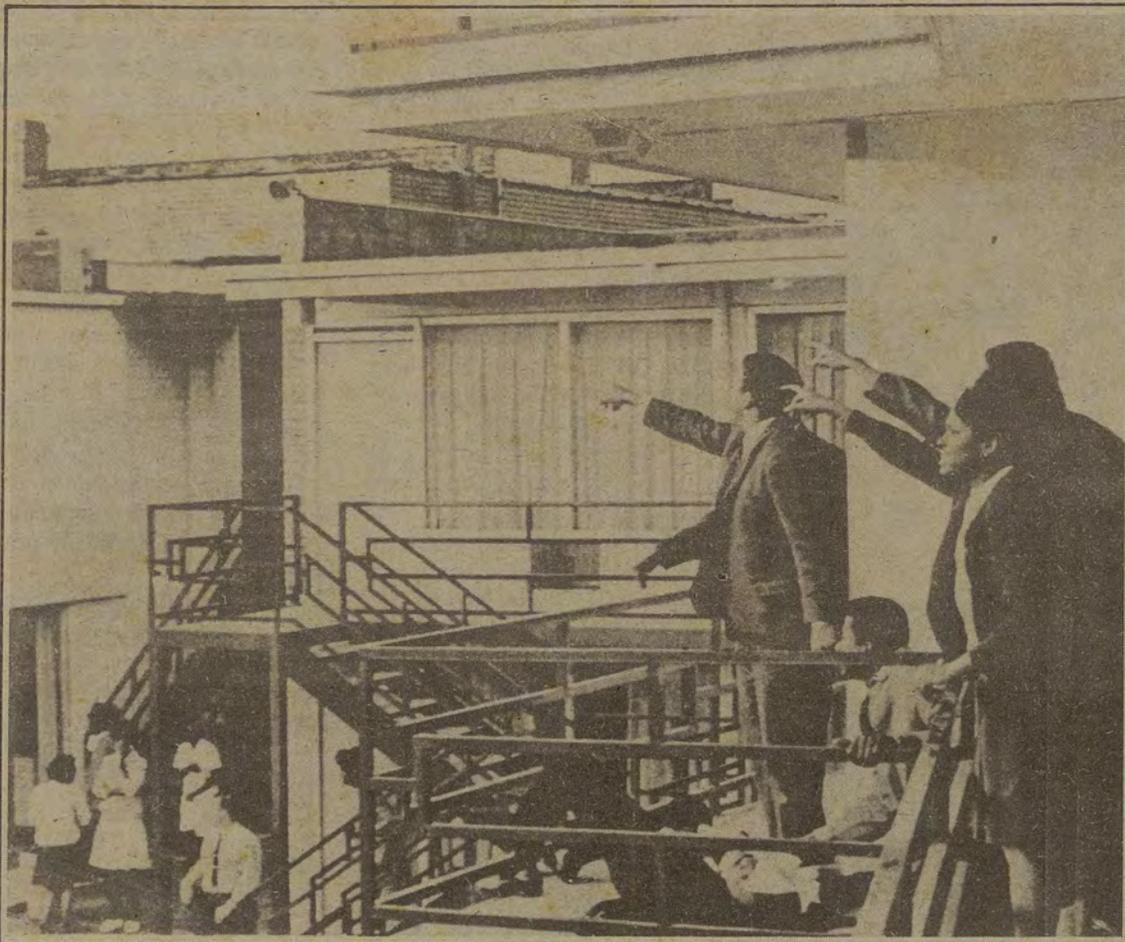


FOTO: LIFE

Atentados políticos marcaram o ano. Aqui morria Luther King.

Apesar dessas limitações, é uma trilha que se pode seguir. Um caminho para 20 anos depois dizer alguma coisa no meio de um turbilhão de lembranças, registros históricos secundários e conflitos de subjetividades.

Quando escolhermos o slogan da campanha eleitoral de 86, estávamos, de alguma maneira, tentando resolver o problema. Era preciso dar nosso, ir direto à essência do que precisa ser preservado em 68, daquilo que poderia servir como ponte entre as décadas.

"É só querer". Essa fórmula bem sintética tentava resgatar a herança de 68 e falar naquilo que tinha sido reprimido ao longo dos anos que se sucederam: a vontade, um projeto coletivo. Difícil dizer quem reprimiu. A verdade é que nos países europeus, o pós-68 foi marcado por uma ascensão do liberalismo. A intervenção estatal era criticada em vários níveis, sobretudo porque inibia o único mecanismo efetivo para controlar o movimento no conjunto: o mercado.

Os apóstolos da mão invisível deslocaram com grande facilidade o mesmo tipo de raciocínio para a história no conjunto. Partindo de uma crítica justificada às grandes idéias de transformação, muitas delas resultando em massacres sangrentos, questionaram a idéia mesma de intervir no processo histórico. A partir de agora, estava decretada a morte dos intelectuais que falavam sobretudo e opinavam sobre o rumo do País; a partir de agora grandes ideais para mudar o mundo passariam a ser vistos com suspeição. A própria capacidade do político de mudar alguma coisa era questionada. Não se estimulava mais a organização para mudar o sentido da ação do Estado. Era preciso, no máximo, organizar o indivíduo para se defender dos ataques do Estado. Era preciso não tomar o poder mas se defender dele neutralizando-o progressivamente.

Essas idéias prosperaram não apenas porque expressavam mudanças po-

líticas mas também atingiam questões reais. Uma delas, na crítica às grandes idéias, era a constatação de que a história não estava previamente escrita, que a história não tinha um sentido inexorável como se fosse uma espécie de divindade.

Abriu-se o campo para a reflexão democrática, para a compreensão de que não havendo nenhum sentido profundo na trajetória humana era nossa tarefa comunicar nesse sentido a história no entrecruze cotidiano das idéias.

Outro aspecto que acabou sendo muito generoso também no pós-68 foi a revelação dos micropoderes, das teias de dominação que se armam na sociedade, cadeia, hospitais psiquiátricos, etc., enfim toda a teoria que foi celebrizada pelos trabalhos de Michel Foucault.

Surgiram movimentos no interior dos presídios, os seres humanos considerados loucos se organizaram para defender seus direitos, inúmeros aspectos da prática social, que não eram examinados sob a ótica política, passaram a ser indicadores do processo de dominação.

Uma coisa é dizer que a história não tem sentido e que devemos abandonar qualquer pretensão de encontrá-lo. Outra coisa é dizer que a história não tem sentido mas que é preciso procurá-lo coletivamente, que sem um projeto e uma ação comum, o futuro está bloqueado.

Esse legado de 68 não poderia atravessar os anos se não se investigassem também as causas que fizeram 68 apodrecer. Uma delas é não ter compreendido os perigos da fantasia política, sobretudo daquela que substitui a vontade da maioria pela ação de pequenos grupos predestinados a fazer história.

O avanço do individualismo é um dos temas que mereciam uma das mais tranquilas reflexões. Muitos querem se livrar dele com rápidas pincela-

das morais sem compreender o que represente na expressão do avanço das forças materiais e de ampliação da própria liberdade.

Difícilmente os anos 80 poderão reproduzir movimentos como o dos hippies ou mesmo o dos punks. Acredito que a idéia das pessoas se vestirem da mesma maneira, pertencerem a tribos urbanas, falarem a mesma linguagem, talvez esteja superada nesse momento da história. Deixar-se aprisionar debaixo do mesmo rótulo de "juventude" por exemplo é dar chance aos políticos de encerrarem numa mesma palavra uma diversidade de situações. E esquecer também que os movimentos de transformações hoje passam por gerações irmanadas num mesmo desejo.

O êxito do SOS Racismo na França, no meu entender, deve-se à compreensão dos anos 80 e dos 60. O slogan "Touche pas mon pote" (Não toque no meu chapa) é um apelo aos indivíduos brancos que se indignam com a discriminação que árabes, negros e asiáticos estão sofrendo.

E a primeira tentativa que dá uma volta no impulso moral clássico que diz que o indivíduo deve se sacrificar pelo coletivo. Ele assume o individualismo desejoso de romper com sua solidão, sem se negar enquanto individualismo.

Talvez seja maneira de romper o impasse, de costurar as outras pontas que ficaram soltas, daquela época para cá. O movimento das mulheres, dos negros, das minorias sexuais, das associações de bairro, enfim os movimentos nascidos de preocupações com a própria sorte, acabaram sendo sociais sem negar o indivíduo.

Considerações tão gerais podem dar a impressão de que 68 foi um ano absolutamente idêntico para todos os países, independente da singularidade de seu momento histórico. Mas não foi bem assim. O que se discute hoje na Tchecoslováquia é a semelhança da Primavera de Praga com

a política de abertura de Gorbachev. Martin Luther King teve um sonho nos Estados Unidos e possivelmente Jesse Jackson está dando o balanço das conquistas negras ao longo da campanha eleitoral. E os corpos dos estudantes mexicanos massacrados na cidade do México talvez sejam lembrados discretamente, nesse momento em que estudantes sul-coreanos se preparam para protestar contra o governo, numa olimpíada como a de 20 anos atrás.

As comemorações dos 20 anos de 68 atigem o Brasil num momento muito especial de sua história. Momento de desencanto, com muita gente abandonando o país, inflação galopante, corrupção no governo, abismo entre políticos profissionais e o povo. Mais do que qualquer outro país, o Brasil está sem sonhos, sem projeto para o futuro. Sonhos não são políticas mas podem se articular com elas. O movimento social está acuado tentando defender o poder aquisitivo dos salários e o nível de emprego.

Os grandes e fundamentais temas levantados em 68 que colocavam na ordem do dia as reformas de base e a modernização da sociedade continuam de pé. Como não houve resposta política as propostas políticas da época, o Brasil será obrigado a conviver com o fantasma de 68. Resta desejar que os fantasmas movam a história mais adequadamente com um respeito à democracia, um senso de coligação de forças e uma grande abertura para os temas novos que se fortaleceram nos anos 80.

Continuamos querendo. Só que o impacto de duas décadas nos ensinou a estreita linha por onde caminhar: nem a miopia dos políticos que investem apenas no poder do Estado, nem a solidão dos movimentos sociais que se recusam a usar a máquina administrativa; nem o isolamento do indivíduo que não consegue ver além dos seus interesses imediatos, nem a intransigência do trabalho coletivo que passa por cima da plenitude individual.

Não deixa de ser um programa mínimo para evitar que nos encontremos daqui há 20 anos, repetindo as mesmas coisas de sempre. Como diz o filósofo tcheco Karel Kosik a história é indispensável se quisermos que recomece sempre do zero. No Brasil as transformações sociais foram tão discretas que às vezes temos essa ilusão de que nada mudou. Em 68, por exemplo, o movimento estudantil no Rio e São Paulo pressionava o governo e o movimento operário realizava as greves de Osasco (SP) e Contagem (MG). A espinha dorsal da oposição eram os universitários; hoje o movimento operário ganhou uma outra dimensão e a partir de núcleos de trabalhadores especializados formou-se o PT.

Está tudo em constante mutação, embora a gente tenha a suspeita fundada, em certos momentos, que as mudanças são para pior. É preciso combater a idéia daquele soldado do Vietnã de que está tudo parado, muito calmo. As coisas estão caminhando para trás. Amanhã, quem sabe ... Depende de nós.

Fernando Gabeira
Escritor e jornalista